

José de Mesquita
Do Instituto Histórico e da Academia
Mato-grossense de Letras

O Taumaturgo do Sertão

Frei
José Maria de Macerata

Vir Seraphicus. . . celsa humilitate conspicuus aute obitum
mortuus, post obitum vivus. . .

*(Do Cardel Vives y Tutó, da Província capuchinha de N.
S. Montserrat, Catalunha, referindo-se a S. Francisco de
Assis, no Congresso Internacional dos Terciários
Fanciscanos, 1900)*

Cuiabá
1928



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>



ÍNDICE

I - Capuchinhos em Matto Grosso	7
II - O lustro entre os silvícolas	13
III - O Apostolado da educação	18
IV - De Missionário a Prelado	22
V - No Governo da Prelazia	27
VI - Os Predicados do Administrador	32
VII - Fortaleza e mansuetude	38
VIII - Nativismo mal entendido	43
IX - Novo campo de acção	47
X - O espírito de caridade	52
XI - O thaumaturgo	56
XII - No domínio das tradições e do folk-lore	60
XIII - Últimos annos	72
XIV - A morte do justo	76

DÉDICA

Á memória veneranda de minha querida Avó

MARIA RITA DE MESQUITA

alumna de Frei José, no Diamantino, na qual symbolizo a mulher mattogrossense, em cujo espírito as lições e o exemplo fecundo do grande missionário desabrocharam em flores de Bondade e de Virtude.

O. D. C.

ANTELÓQUIO

Alem da agiographia que denominarei official, comprehendendo na sua menção os varões virtuosos que formam, no calendário, os paradigmas do Bem, da Verdade, do Bello moral, existe, correndo parêlhas com aquella, a agiographia que se pôde dizer popular, florescendo nas tradições da gente simples e inculta, por isso mesmo sincera, e apontando figuras notabilíssimas que, posto lhes falte ainda o processo canonificador, a honra e o culto dos altares, não menores predicados d' alma ostentaram na sua peregrinação terrena.

De uma dessas proponho-me a contar aqui a vida, repleta de episódios edificantes e illuminada por traços de uma grandeza espiritual que raro se ha visto manifestada entre humanos.

São recantos singelos que colhi, com o carinho mais acendrado, á flor das lendas e dos piedosos dizeres da gente antiga de minha terra. E são, por outro lado, ligando aquelles elementos de tradição oral, argamassando-os no cimento da verdade, sólido e indestructivel, os documentos autobiographicos e os alfarrábios temporaneos, cuidadosamente exhumados da poeira de veterrimos archivos, que ora surgem pela primeira vez, em letra de fôrma, ao grande sol da publicidade.

Revive Frei José na tosca, mas affectiva resurreição que lhe imprimem estas paginas e, com elle, é todo um capitulo de nossa Historia que, da noite do passado, aflora á luz indecisa de um presente ainda cheio de indifferença e de olvido.

Fosse embora este ensaio para lido apenas por duas ou três dessas creaturas de eleição, que reconhecem, com o estylista d' «A Colina Sagrada» que «sente-se maior aquêle que mais se prolonga no passado!» — que ainda assim não me daria por inúteis a fadiga e o esforço que delle me resultaram.

Deletreada, num gesto de displicência, senão de tédio, por figurões a que mais interessam a cotação da cambio ou a sabujice das mofinas políticas, bastar-lhe-á, a esta pobre memória, a carinhosa acolhida de uns olhos que se enterneçam de puro sentimento á leitura dos episódios tocantes da vida do Santo sertanejo.

Esta o tenho assegurado.

Eis porque me não corro de apresentar em publico trabalho que a uns parecerá desvalioso, a outros sem utilidade pratica e a quasi todos de simples e innocuo dilettantismo.

Da sua intenção e natureza basta o que ahi fica dito.

De resto — a dedicatória melhor diz, do que a mais comprida e diffusa explicação poderia fazel-o.

E para finalizar, devo declarar, na conformidade dos Decretos do Santo Padre Urbano VIII que, como fiel subdito da Santa Madre Igreja, reconheço e acato, que não pretendo prevenir juízo algum a favor do assumpto, emprestando aos episódios narrados mais ao diante uma pura auctoridade humana, decorrente da tradição que vive e palpita na memória dos meus paisanos — «pagina sempre aberta de um poema que não foi escripto, mas que refere na mente de cada um dos filhos desta terra.»

I

Capuchinhos em Matto Grosso

«... e que mais efficaz atractivo para arrastar a huns homens nus de todos os bens da natureza como era o gentio do Brasil, do que huns homens despidos, e desapossados de todos os interesses do mundo, como os Filhos de Francisco.»

(Jaboatam — Novo Orbe Seraphico Brasilico, II,11)

Quando se escrever a historia da catechese indígena em Matto Grosso, á luz de documentos seguros e imparciaes, certo mais de uma pagina se ha de reservar á memória dos beneméritos filhos de São Francisco de Assis, da ordem dos Capuchinhos, que foram, no século XIX, os verdadeiros pioneiros da civilização entre as tribus silvícolas de nossa terra.

Os nomes de Fr. José Maria de Macerata, que faz objecto desta singela memória; de Fr. Mariano de Bagnaia; de Fr. Ângelo de Caramonica, de Fr. Antonio de Molinetto, de Fr. Anselmo e de outros vários que a História não regista siquer, representam uma gloriosa pleiade de estrenuos lutadores do Bem e da Verdade nos sertões inhospitos de Matto Grosso.

Posto fallecesse, por vezes, no testemunho de alguns auctores, aos capuchinhos a habilidade dos jesuítas nos árduos trabalhos de catechese (1), a fama que entre nós

(1) É este o pensar de Oliveira Lima no seu "D. João VI no Brasil", II, 7.

deixaram só lhes redunda em abono e merecimento, consulte-se para isso a tradição oral ou compulsem-se authenticos documentos officiaes, todos accordes no conferir-lhes a láurea de prestimosos e dedicados servidores da causa civilizadora no seio das brenhas povoadas pelo autochtone brasileiro.

O cyclo franciscano, como acertadamente o caracterizou D. Aquino, no seu bello discurso de recepção, no Instituto Histórico Brasileiro, abre-se nos princípios do século XIX e se estende por mais de metade desse centennio, o segundo da nossa vida histórica, vindo reiniciar-se já em pleno século XX, com os frades da terceira ordem de Albi, chegados em 1904 a Matto-Grosso.

O que denominaremos, porém, propriamente o cyclo capuchinho (2) esse ficou limitado ao século findo, sendo que se lhe podem estabelecer duas phases distinctas: a primeira a da turma de 1819, composta de Fr. José e os companheiros, cujo nome a Historia não conserva e a segunda da leva de 1847, vinda, portanto, no anno seguinte á morte de Fr. José, e de que fizeram parte Fr. Mariano e os seus confrades acima mencionados.

Não encontrei referencia alguma, posto muito houvesse procurado, ao decreto, acto ou convenção, do governo do Brasil — nesse tempo D. João VI — em virtude do qual vieram os primeiros capuchinhos para Matto-Grosso, em 1819.

O que é certo é que, durante cerca de quasi 30 annos, que tanto foi o período de sua permanência em Matto-Grosso, Fr. José personificou, sozinho, o espírito

(2) Os Capuchinhos constituem um ramo da Ordem Franciscana que surgiu em 1525, em virtude de uma reforma introduzida por Matteo di Bassi, frade do Convento de Monte Falco (Itália), no intuito de modificar o habito dos religiosos afim de o tornar igual ao que usara o Santo fundador. Conseguiu Di Bassi faculdades de Clemente VII para essa reforma, bem assim para pregar por toda a parte o Evangelho, á maneira do Seraphico Padre. (Discrizione storica degli Ordini Religiosi, por Luigi Cibrario, Turim, 1845, I, 210).

da sua Ordem, e tudo fez, com infatigável zelo, no sentido ele beneficiar os aborígenas e até os civilizados.

Procurou Fr. Macerata organizar a Ordem de que era membro, de forma que se tornasse mais eficiente o seu trabalho, tendo pedido o estabelecimento de conventos de frades capuchinos, no que foi ostensivamente obstado pelo governo imperial, que, nas instruções a monsenhor Vidigal, lhe recommendava não fizesse uso de taes pedidos "porque de nenhum modo convem semelhante estabelecimento" (3).

Não foi possível assim ao virtuoso varão dar realidade ao seu desiderato, posto sejam os Capuchinhos dos mais antigos e abonados obreiros da civilização no Brasil (4).

Meava o século, quando, a 20 de Outubro de 1847, aportaram á Província de Matto-Grosso dois outros Capuchinhos, Fr. Antonio de Molinetta e Fr. Mariano de Bagnaia, destinados ao serviço de catechese e civilização dos aborígenes.

Curando desse importante problema administrativo, designara o governo imperial, por aviso do Ministério do Império de 12 de Maio de 1847, aquelles dois Missionários para virem exercer a sua actividade em Matto-Grosso.

A vinda dos Capuchinhos para o Brasil fôra promovida pelo governo, em virtude do Decreto 285, de 21 de Junho de 1843, que o auctorizava a fazer vir da Itália Missionários dessa ordem, distribuindo-os pelas Províncias "onde as Missões poderem ser de maior proveito", Decreto esse regulamentado pelo de nº 373, de 30 de Julho do anno seguinte, que fixou as regras a serem observadas na distribuição dos Missionários.

(3) C. Mendes — Direito Civil Eccl. Brasil, 1866 — I, 716.

(4) Vieram os primeiros Capuchinhos para o Recife em 1585, com Jorge de Albuquerque (Memória "A Religião" do P. Julio Maria, no *Livro do Centenário*, I, 48).

Estiveram os Capuchinhos primeiramente em Villa Maria e Poconé, percebendo uma diária de 750 reis, dos quaes 2/3 pagos pelo cofre geral e 1/3 pelo da província, em virtude da lei orçamentária de 1849, art. 1 § 10, gratificação que o próprio Presidente da Província Major Dr. Joaquim José de Oliveira, em seu Relatório apresentado á Assembléa a 3 de Maio de 1849, reputara insufficiente, "visto a carestia de gêneros de primeira necessidade" alvitrando a majoração para 500 reis diários por parte da Província "logo que o estado deste cofre o possa permitir".(5)

Em 1848 vamos encontrar Fr. Mariano em Diamantino, onde, segundo officio de 9 de Agosto, do então Chefe de Policia Dr. Ayres Augusto d'Araujo, se indispôs com as autoridades locais chegando a tornar-se, na phrase daquelle serventuário "perigosíssimo no lugar".

Transmittiu o Vire-Presidente em exercício, Antonio Nunes da Cunha, ao Bispo D. José a representação de Chefe de Policia, em attencioso officio datado de 11 daquelle mês e anno, no qual communicava que ante "o perigo que corre a tranquillidade publica na villa do Diamantino com a estada alli do Missionário Capuchinho" expedira ordem para o seu recolhimento sem demora, e pedia ao Prelado que o desonerasse "de qualquer commissão, de que porventura o tenha encarregado."

Dentro de pouco transportavam-se os missionários, para a zona de Baixo Paraguay, theatro que fôra dos esforços apostólicos de Fr. José, como veremos mais ao diante, e ali erigia Fr. Mariano, na aldêa dos Kinikinãos, três léguas fóra de Albuquerque, uma capella sob a invocação de Nossa Senhora do Bom Conselho, installando, do mesmo passo, uma escola, freqüentada por 30 alunmos.

(5) Relatório cit. pág. 10.

Emquanto Fr. Mariano se entregava á continuação da obra do seu benemérito antecessor, Fr. Antonio cuidava em aldear, perto de Miranda, os Terenas, desenvolvendo inauditos esforços, mau grado a difficil situação econômica em que se viam, sendo que, no Relatório de 1851, Augusto Leverger ainda fazia sentir essa circumstancia, alludindo á consignação que, aliás, fôra augmentada.

Nesse interessante documento, modelo de linguagem official, discreta e polida, repleto de curiosos informes para o historiographo, como de seguros exemplos para o administrador, diz Leverger:

«Achando-me com elles em Albuquerque em Janeiro ultimo na minha vinda da fronteira para tomar posse da Presidência, manifestarão-me o desejo de que a cada hum delles se confiasse a direcção de huma aldêa, em concurrencia com outras administradas por Directores civis, afim de se poder apreciar relativamente as vantagens de huma e outra catechese.»

E commenta judiciosamente, com estas palavras, o alvitre dos Missionários:

«Prouvera a Deos que se estabelecessem rivalidades desta natureza, cujos resultados não poderião deixar de ser profícuos para a prosperidade do Paiz!»

Fr. Mariano radicou-se em Matto Grosso, residindo em Miranda e Corumbá, onde o surpreendeu a invação paraguaya, tendo ficado, algum tempo, prisioneiro em Assumpção.

Em 1859 escrevia de Miranda ao Bispo D. José acerca do orago da Igreja Matriz daquella villa, cuja edificação dirigia e, na qualidade de Vice-Prefeito da Ordem, transmittia a Fr. Ângelo de Caramonica a ordem do Bispo para a administração dos Sacramentos em Albuquerque.

Fr. Ângelo — de quem as chronicas pouco falam — foi director da missão capuchinha da Aldêa de N. S. do Bom Conselho, fundada por Fr. Mariano.

Não consta que viesse a Cuyabá, onde, entretanto, esteve, pela segunda vez, o seu companheiro Fr. Antonio, como se vê de uma carta escripta em 1854, nesta cidade, a um morador do Divino Padre Eterno (Brotas) a respeito do sino da Capella desse lugarejo.

Encontrei ainda na correspondência de D. José uma carta do Commissario da Ordem no Rio, Fr. Fabiano, datada de 10 de Outubro de 1859, na qual auctorizava o Bispo de Cuyabá a aproveitar os serviços de Fr. Antonio como Vigário encomendado da Parochia da SS. Trindade de Matto Grosso (Villa Bella).

Qual o destino posterior desses missionários não me foi possível saber, sendo de presumir que se houvessem retirado de Matto-Grosso.

Quanto a Fr. Mariano, esse se conservou em Corumbá, seguindo depois para o Rio Grande do Sul, onde veio a morrer, em avançada idade, e em circumstancias dolorosas que destoam da sua vida de beneficência e caridade.

O seu nome se perpetuou numa das principaes ruas da cidade sulina, como preito da posteridade ao missionário incansável que tanto fez pelo nosso progresso, em longos annos de extenuantes e porfiados labores.

II

O lustro entre os silvícolas

«A civilização verdadeiramente começa quando a catechese do silvícola toma fôrma accentuada e progride... Dizer o que foi a catechese entre os selvagens é, sem duvida, fazer a historia nacional nos seus primeiros fundamentos.»

(Theodoro Sampaio, — A colonização a serviço da catechese indígena)

Findava o mês de Agosto de 1819 quando a Cuyabá chegou por terra, acompanhado de dois irmãos de habito, Fr. José Maria de Macerata. (6)

Traziam por escopo a catechese dos selvagens, assumpto que despertava o mais vivo interesse do governo portuguez, já havendo trabalho anterior no sentido de commetter aos Padres Lazaristas essa árdua missão.

Conta-nol-o D. Silvério, na sua encomiada biographia do Bispo D. Viçoso, a quem coubera, estando em Portugal, vir em companhia do Padre Leandro Rabello de Castro tomar parte em tal empreza que, a seu ver, não podia ser mais árdua, mais laboriosa, nem mais cheia de perigos de todo o gênero. (7)

Na mesma excellente obra se lê, pouco adiante:

"Tinhão se entretanto mudado as cousas: a missão de Matto Grosso havia sido provida por um frade Capuchinho de nome José de Macerata, que depois foi Prelado dessa mesma Igreja com jurisdicção episcopal." (8)

(6) B. de Melgaço — Apontamentos Chronolicos, na Rev. M. Grosso, Maio 1906, pago 126.

(7) Vida do Exmo. Revmo. Sr. D. Antonio Ferreira Viçoso, pag. 27 da edic. de 1876.

(8) Op. cit. pag. 31.

Melgaço dá 23 de Setembro de 1819 como data da partida dos Capuchinhos para Albuquerque, "afim de ali empregarem-se na catechese dos Índios Guanás." (9)

A data da chegada de Fr. José a Cuyabá não soffre contestação, pois casa com a assertiva de Leverger a própria declaração do Capuchinho em carta dirigida ao Cardeal Prefeito da Sagrada Congregação de Propaganda da Fé, a 8 de Setembro de 1823, ao ter conhecimento, no Rio de Janeiro, da sua nomeação para prelado do Cuyabá e Matto Grosso.

Fôra Fr. José ao Rio tratar de assumptos que se prendiam á colonização e catechese dos Guanás, como se vê do seguinte tópico da sua sobredita carta:

"stando in questa Corte per trattar gli affari relativi alla riduzione e migliorarnento degli Indi denominati Guanans, situati alle rive del Fiume Paraguay, ove il Re fidelissimo Signor Don Giovanni VI mi destinó *sono quasi cinque anni...*" (10)

Elle próprio, confirmando esse factio em 1844, ao pedir dispensa do cargo que exercia de Director Espiritual dos Hospitales da Misericórdia e de São João dos Lázaros, allude aos serviços prestados "*in prosperis, et adversus* á Província, ha mais de cinco lustros", que vem a concordar com o anno indicado como da sua chegada, 1819, prefazendo até fins de 1844 mais de um quartel de século.

Acerca da efficencia dos seus trabalhos catecheticos, melhor e que nos socorramos do testigo de contemporâneos seus, cujo depoimento vale seguramente mais do que qualquer affirmativa de hoje.

É Luis d'Alincourt que, no «Resultado dos trabalhos e indagações statisticas da Província de Matto

(9) Apont. pag. citada.

(10) O grypho é nosso.

Grosso» escripto em 1828 e publicado nos «Annaes da Bibliotheca Nacional» em se referindo á aldeia de N. S. da Misericórdia do Baixo Paraguay assim se exprime:

«Fica seis léguas ao N. N. O. do Presídio de Coimbra e pouco mais de um quarto arredada da margem Occidental do Paraguay.»

E, depois de descrever a situação da aldêa "mui prazenteira" cuja população de guanás calculava em 1.300, diz:

"O Prelado actual da Província, D. Fr. José Maria de Macerata, doutrinou este povo, e com o seu disvello assíduo, hia alcançando resultados felizes; quasi toda esta gente foi reduzida ao grêmio da Igreja, muitos mancebos, *como eu mesmo presenciei*, (11) lião e escrevião com desembaraço; as moças tinham hua Mestra que lhes ensinava a costura, e a fazer rendas; os homens hião dando-se contentes á cultura; finalmente a bôa ordem resplandecia nesta interessante Aldêa.

O mesmo Prelado (naquelle tempo Missionário apostólico da ordem dos Barbadinhos) fez construir grandes cazas para habitação das famílias, formando ruas largas e também hua capella contiguo a qual morava; a Sagrada Doutrina hia sendo bem conhecida; e as Indias entravão a gostar de trajar á brasileira.

Tudo fez o Prelado com a sua industria; devendo declarar-se, em abono da verdade, que foi escassamente socorrido peja fazenda Publica, que se esta o auxiliasse competentemente, a que ponto teria crescido a Aldêa em manifesta utilidade da Fronteira?

As mulheres fião algodão delicadamente; eu vi cintas e suspensórios tão bem tecidos que ao primeiro olhar me parecerão de sêda; tecem grandes panões de differentes, e lindas côres formando diversas figuras; fabricão louça com diversas, e elegantes bordaduras. Os Guannas crião gallinhas, alguns porcos; fazem plantações de algodão, milho, feijão, carás, batatas, etc. para seu gasto, e para hirem vender a Coimbra, o que hé muito proveitozo á Guarnição." (12)

(11) É nosso o gripho.

(12) Annaes da Bibl. Nac. VIII, 45.

Al se não faz mister do que o que ahi fica dito, narrado por testemunha que tudo viu e registou, em documento official, revestido da seriedade de antanho, discreta e polida, para consolidar o renome de Fr. José como catechizador egrégio, digno de figurar na plana dos Anchietas e Nóbregas da phase inicial de nossa vida e dos Balzolas e Badariottis, para citar somente os mortos, de hoje.

Não é, porém, só d'Alincourt que faz justiça ao missionário.

Castelnau, que andou itinerando em Matto Grosso, por volta do 1840 à 1850. allude aos trabalhos de Fr. Jose, e abona as informações que nos dá da população indígena de Matto Grosso em uma preciosa memória do punho do virtuoso Capuchinho, (13) memória esta a que também se refere Moutinho (14) e, recentemente, Roquete Pinto (15), mas que, infelizmente, se não sabe em que mãos veio parar.

A obra-prima de Fr. José não foi, porém, a monographia, de valiosos dados informativos, que o descaso criminoso dos nossos deixou extraviar-se: foi, sim, a própria aldêa da Misericórdia, primorosa e esmerada filha dos seus esforços e da sua carinhosa solícitude, onde, a par da moralidade mais apurada, do asseio, da ordem e do trabalho, recebiam os índios, o bom trato, o affecto, a solícitude véramente paterna da parte do Director, o bondoso e preclaro Missionário Apostólico. (16)

Tudo se perdeu, entanto, devido à falta de continuidade, o grande, o eterno mal das nossas administrações, que suppõe sêr uma diminuição proseguir em trabalhos iniciados, e por isso, perdem o que está feito por buscar

(13) Expedition, vol. III, pags. 116 a 117, 150 a 153.

(14) Noticia, pag. 143.

(15) Rondonia, pag. 22.

(16) João Severiano alludindo a Fr. José, caracteriza-o assim: «Missionário da Aldeia da Misericórdia na foz do Miranda.. (Viagem, II, 97.)

fazer cousas novas, que, dada a escassez de tempo ou de experiência, quasi sempre não fazem.

O conceito de Fr. José como catechista ainda subsiste na tradição oral e foi tamanho que, muito depois de haver deixado taes encargos, em 1843, o Presidente Zeferino Pimentel Moreira Freire, por officio de 18 de Novembro, lhe pedia subsídios acerca do assumpto, considerando-o assim o melhor conhecedor de tal matéria, verdadeiro arcano e seguro informante de que se valia a administração publica.

Essa officio, que ora transcrevemos, vale per si como o mais eloqüente attestado do merecimento do egrégio Missionário e basta a encerrar eloqüentemente este capitulo:

«Exmo. e Revmo. Snr.

Querendo aproveitar os conhecimentos de V. Excia. e a muita pratica que tem dos importantes serviços que ha prestado nesta Província na Cathequese e civilização dos Indios; vou rogar a V. Excia. se digne dar-me todos os esclarecimentos não só do estado em que se achão nossas hordas de indigenas, o numero de nações que se conhece, como quantas seguem a nossa religião, e qual a sua habitação.

Deos Guarde a V. Excia. muitos annos.

Palácio do Governo em Cuyabá, 18 de Novembro de 1843.
Zeferino Pimentel Moreira freire.»

III

O Apostolado da educação

Educar é habilitar o homem para desempenhar as funções que seu fim exige, e caminhar suas faculdades intellectuaes e moraes para os encargos que nos mostra a razão illuminada pela fé.
(D. Silvério - Cartas Pastoraes. 127)

Bem longe de limitar-se ao aborigene, em cuja alma fazia irradiar a luz divina da fé, a acção catechistica do virtuoso capuchinho se estendeu, se ampliou também aos civilizados, a que não menos se faziam mister as águas lustraes da educação e da instrução religiosa.

Sobejas provas encontram-se nos documentos coevos, a attestarem, exuberantemente, o seu zelo de educador e o vivo, real empenho, em varias conjuncturas posto de manifesto, a prol do melhoramento moral e intellectual dos nossos, pela disseminação da cultura religiosa e scientifica.

Procurou sempre, reiteradamente, praticar o preceito sublime do Evangelho — *docete omnes gentes* — e engenizar, pelo character e pela intelligencia, formando-os sobre sólidos alicerces, a nossa raça e a nossa gente.

Ao assumir o governo da Prelazia foi dos seus primeiros cuidares a criação de uma casa de ensino para a formação intellectual e moral da juventude patrícia, preocupação que trouxe sempre comsigo e fez objecto da sua pastoral de 25 de Setembro de 1829.

Nesse importante e expressivo documento, no qual depois de precisar a obrigação dos Bispos de «erigir nas suas Dioceses Seminários e Collegios, para educarem, e instruírem nas Letras, e Virtudes os Moços», e fazer ver a impossibilidade em que até ali se vira de effectuar tão nobre intento, o infatigável obreiro do Evangelho diz haver resolvido «fundar dos primeiros alicerces em o Porto Geral desta cidade de Cuiabá, como Lugar reconhecido por todos o mais próprio para o fim desejado, hum Paço Episcopal, hum Seminário, e hum Collegio, ou para dizer melhor, huma grande, e bem ordenada Casa de Educação, dedicada ao Gloriosissimo Archanjo São Raphael, para utilidade da pobre, e desvalida Mocidade de toda esta Província, na intima convicção de que este rico, e vasto Império nada necessita mais que de bons Cidadãos, e que não he a natureza, que os faz, mas sim a bôa Educação; de sorte que ninguém pode fazer ao Estado serviço mais interessante, do que o de lhe educar, e instruir os Filhos, mimosos Germens da posteridade».

E terminava solicitando, á falta de meios necessários, a contribuição dos diocesanos para a consecução dessa obra genuinamente patriótica, invocando, num fecho verdadeiramente pathetico, o sentimento dos mesmos a favor dos meninos que, á mingua de alimento espiritual, se perderiam, com grave prejuízo para a collectividade.

Esse notável escripto que hoje, um século após, ainda tem a mais flagrante actualidade e rescende ao perfume saudável da sinceridade e carinho com que o traçou o seu auctor, merece lido e relido, meditado e executado por todos os que têm qualquer parcella de responsabilidade pelas cousas publicas (17).

Não semeou em terreno árido o esforçado obreiro da educação, antes se pôde dizer que lavrara a

(17) Archivo Ecclesiastico, Masso n° 1, Correspondência

fundo nos corações.

Donativos accorreram ao encontro do seu desígnio, demonstração inilludível do interesse que áquella gente despertava tão magno problema e, por outra parte, do prestigio e confiança que a todos inspirava o Prelado (18).

Não conseguiu, porém, levar a effeito o seu desiderato; escasseou-lhe um factor ponderabilissimo em iniciativas dessa ordem: a continuidade no tempo.

De facto, afastado, logo depois, da gestão da Prelazia, como veremos adiante, Fr. José não achou nos seus substituidores o mesmo ardor e entusiasmo que n'alma do Capuchinho italiano accendia o innato amor á juventude estudiosa.

No Diamantino, para onde se transferira após a sua exoneração de Prelado, não descontinuou o seu zelo pelo problema básico das nações conscientes — a educação do cidadãos em flôr, que hão de ser os bons ou maus fructos do futuro, tal o enxerto ou adubagem que recebam dos seus ascendentes.

Volvendo a Cuyabá, em 1841, no governo do Cônego Guimarães, outra não foi a sua preocupação senão a que, em longos annos, lhe vinha norteando a vida operosa e infatigável.

A 12 de maio desse anno dirigia-se em officio ao Presidente, expondo-lhe o vivo desejo que nutria em seu coração de educar a mocidade desta Capital "germens fecundos da grandeza nacional." allegando, porém, faltarem-lhe "os meios necessários, não só para reedificar as cazas juntas á Igreja do Glorioso São Gonçalo, como para dar todas as providencias adequadas, afim de obter o seu intento" pedindo ao governo subscrevesse um "quantia notável" para aquelle fim, ao tempo em que se propunha da sua parte a "agi-

(18) Idem

tar hua subscrição voluntária pelos habitantes desta Capital".

Replicando a 17 do mesmo mês e anno a esse officio, declarava-se o Presidente «lizongeadado sobremaneira pelo seu zelo, amor, e philantropia em beneficio da mocidade» e, approvando-lhe a deliberação, promettia, posto não estivesse a isso autorizado pelo Legislativo, do mez de Julho em diante, attender a sua exposição. (19)

Numa directriz invariável e segura, a sua constante orientação no maneo das cousas publicas que lhe eram confiadas se caracterizou pejo zelo indefesso pela educação, convertida assim a sua vida em límpido e glorioso exemplo ás gerações futuras, em um apostolado educativo, sem solução de continuidade — quer no lustro entre os selvagens, quer no septennio da Prelazia, quer na década Diamantinense, quer mesmo, nos seus derradeiros annos, repartidos, em Cuyabá, entre os pobres e enfermos dos Hospitales e os cuidados de educador, sempre animado do mesmo desvelo e munido do mesmo affecto a pró da juventude.

(19) Cfr. Officio em original no Archivo Ecclesiastico, masso nº 1 de Correspondência.

IV

De Missionário a Prelado

“Sabei que aquelles bárbaros, a cuja voracidade ficáveis expostos, estão civilizados que aquellas mattas melancólicas, que tyranisaram vossos olhos, já se transformaram em campanhas risonhas, em seáras fructíferas, em sementeiras floridas; que do seio daquelles ermos emmaranhados, que denegriam os vossos corações, têm nascido villas e cidades florescentes.”

(Fr. Francisco S. Carlos)

O advento da independência, que só fui conhecido em Cuiabá a 22 de Janeiro de 1823, veio encontrar a Capitania e novel Província de Matto-Grosso mergulhada em obscuro chãos político, administrativo e financeiro.

O impopularissimo governo de Magessi fôra rematado pelo levante de 20 de Agosto de 1821, com que, o innato sentimento de autonomia dos cuyabanos ansaiara o *self government* antes mesmo que o grito do Ypiranga reboasse pelo país.

Uma Commissão, da qual faziam parte os homens mais representativos da época, assumira a direcção dos negócios públicos. Della ela membro, presidindo-a, o Bispo D. Luis de Castro Pereira, quando, inopinadamente, o colheu a morte, a 1 de Agosto de 1822, ficando, de um só golpe, orphanados o governo civil e ecclesiastico.

Eram duas acephalias simultâneas numa quadra de incertezas, apprehensões e receios. Chofravam-se as paixões mais tumultuarias. Matto-Grosso, a antiga capi-

tal, e Cuyabá, para onde o ultimo governador transferira a séde da administração, se degladiavam pela posse da hegemonia politica. E em Cuyabá, a lucta nativista se abria, insidiosa, prenhe de ódios recíprocos, explorando paixões malsans do populacho, para ir desfechar-se nos horrores de 1834. Por toda a província era uma nuvem pesada de animosidades, de rancores, prestes a explodir no fragor das procellas irosas.

A isto vinha ajuntar-se, engravecendo a situação, a crise financeira, a miséria do erário e a penúria particular, o fermento de revolta na milícia, a demagogia crescente, que encontrava echo no ambiente inflammado pelas verborrhagias do mestiço Patrício Manso e do carmelita Nascentes.

Foi nessa quadra, turva e sinistra. que, em meio ás angustias que toldavam o céu cuyabano, appellaram os nossos patrícios, como uma aurora de salvação, para a pessoa veneranda e prestigiosa do monge capucho, pedindo ao governo imperial, num gesto sem precedentes e que por si só o nobilitaria para sempre, a nomeação de Frei Macerata para a Séde Vacante.

E em deferimento ao que lhe requereu a Câmara e Povo de Cuyabá, o imperador Pedro I, em data de 29 de Agosto de 1823, expedia o Decreto cujo teor se segue, credencial honrosissima que vale todo um elogio immortalizante do egrégio capuchinho e é no dizer auctorizado de D. Aquino Corrêa "como o melhor resumo de toda a sua vida apostólica". (20)

«Attendendo ao honroso testemunho, que a Câmara e Povo da cidade de Cuyabá, dirigirão á minha Imperial Presença em abono das virtudes de Fr. José Maria de Macerata, pedindo-o para seo Pastor, por ser amante da pobreza, sábio, humilde e incançavel na redução da

(20) Discurso de recepção no I. Histórico, no livro *Discursos*.

gentilidade, e sendo-me a mesma supplica reiterada pelo Deputado á Assembléa Geral d'aquella Província: Hei-por bem nomear o dicto Fr. José Maria de Macerata Prelado e Administrador da Jurisdicção Ecclesiastica de Cuyabá, e Mato Grosso, que vagou pelo fallecimento do Reverendo Bispo do Ptolomaida. A Meza de Consciência e Ordens o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessários. Paço em 29 de Agosto de 1823, segundo da Independência e do Império. Com a rubrica da sua Magestade Imperial. Caetano Pinto de Miranda Montenegro.»

A nomeação de Prelado ficava, entretanto, dependendo de confirmação por parte da Santa Sé, dado o regime vigorante na época.

Assim é que nas instrucções expedidas com o aviso de 28 de Agosto de 1824 ao encarregado dos Negócios do Brasil em Roma, Monsenhor Francisco Corrêa Vidigal, figura, sob n° 21, a de conseguir as Bullas para erecção das Prelazias de Cuyabá e Matto Grosso e de Goyaz, em Bispados regulares, passando assim a ter a denominação de Bispos os respectivos Prelados já nomeados Fr. José Maria de Macerata e Francisco Ferreira de Azevedo. (21)

O numero seguinte das sobreditas instrucções assim dispunha:

"22 — Por esta occazião se entrega a V. Illma. as cartas e mais papeis de Fr. José Maria de Macerata, nomeado por S. M. Imperial Prelado e Administrador das Igrejas de Cuyabá e Matto-Grosso, para por elle conseguir o que mais é necessário segundo as Bullas da Creação desta Prelazia (22), pela qual tinha o Supremo Pontífice de o nomear Bispo *in partibus*; mas agora pelo que a-

(21) Era este Prelado natural de Cuyabá e teve o titulo de Bispo de Castoria *in partibus* sendo sagrado por D. José Antonio dos Reis, em 1833, de passagem por Goyaz e sómente depois confirmada a sua nomeação para Bispo de Goyaz. Blake delle se occupa no seu Dicc. Bibl. e C. Mendes na excellente obra já citada.

(22) É a Bulla *Candor lucis aeternae*, do Papa Bento XIV de 6 de Dezembro de 1745.

cima fica dito será a confirmação de Bispo de Cuyabá e Matto-Grosso. Parece portanto que nenhuma duvida pode haver pela legitimidade do Apresentado; no caso porem que a Côrte de Roma insista por nova apresentação de S. M. Imperial e se possa de outra maneira conseguir, V. Illma. fará os necessários e promptos avizos, o que de certo se não pode esperar que aconteça attendido o interesse geral da Curia Romana, e ser o nomeado hum italiano.» (23)

A 15 de Julho da 1826 expedia o Papa Leão XII a Bulla *Sollicita catholici gregis cura*, pela qual se creavam as Dioceses de Goyaz e de Cuyabá, em substituição ás Prelazias do mesmo nome, e se constituíam Vigários Apostólicos das mesmas Dioceses os Prelados Francisco Pereira de Azevedo e Fr. José Maria de Macerata.

É este o trecho da Bulla referente á designação dos Vigários Apostólicos e poderes que lhes foram dados:

«Ad consulendum interea Christifidelium in illis partibus degentium spirituali regimini ubi primum binarum Cathedralium erectioni locus factus fuerit, ne iisdem desit Præses donec de primo earum antistite provideantur, Venerabilem Fratrem Franciscum Ferreira de Azevedo, Episcopum Castoriensis in partibus Infidelium Prælatuæ Goyasensi, et dilectum filium Fr. Josephum Mariam e Macerata, Præbiterum Ordinis Fratrum Minoram, Sancti Francisci Capuccinorum expresse professit Cuyabaensi Prælatuæ, modernos Præsidentes in Vicarios Apostolicos earundem Prælaturarum, cum neecessariis et opportunis in rem facultatibus, durante tantummodo illarum sedium Episcopaliu vacatione, respective deputamus et constituimus.»

Não logrou Fr. José ser confirmado como Bispo da Diocese e, não obstante haver-se conservado no governo da mesma até 1832, já em 1828 se lhe dava su-

(23) C. Mendes, op. cit. II, 712.

bstituto na pessoa do Monsenhor da Capella Imperial Plácido Mendes Carneiro (24), que, entretanto, renunciou o cargo a 11 de Outubro do mesmo anno.

Attribuia Fr. José a uma indisposição de Monsenhor Vidigal as difficuldades que contra elle surgiram, conforme diz o Visconde de Beaurepaire Rohan nos seus Annaes da Província de Matto Grosso.(25)

(24) E não Santos, como se lê em alguns auctores.

(25) *In Rev. do I. H. e G. de S. Paulo*, XV. pag.116

No Governo da Prelazia

Opportet enim episcopum sine crime esse, sicut Dei dispensatorem.
(S. Paulo a Tito, I, 7)

O dia 27 de Maio de 1824 constitue, posto o não registem os nossos ephmneristas, uma data memorável na Historia ecclesiastica de Matto Grosso, pois assignala a entrada do humilde freire Capucho na séde episcopal vacante a que, por unânime assenso dos Cuyabanos, fôra elevado. Vindo pelo caminho do sertão, o único então praticado, levou do Rio até Cuyabá seis meses, incluindo nesse prazo a parada que fez no Rio Grande (hoje Registro do Araguaya e que elle calculou em dois meses e meio, em officio dirigido ao Imperador, pelo Tribunal da Meza de consciencia e ordens, em data de 22 de Julho de 1824. (26)

No Rio Grande erigiu uma pequena capella e deteve-se algum tempo, conforme o seu próprio dizer, «vendo aqui a extrema necessidade Espiritual que padecião estas queridas ovelhas» com propósito de «amparallas e instruil-as nos Mistérios da nossa Santa Religião e administrar-lhes os Santos Sacramentos.»

(26) C. Mendes dá erradamente 1825 como o inicio do exercicio do Fr. José na Prelazia (op. cit. II, 750). Em outro officio que dirigiu do Rio Grande ao Imperador, a 21 de Março, refere Fr. José ter gasto até aquella localidade 62 dias de marcha e 42 de falhas. E, ao dar noticia da chegada, em officio de 22 de Julho, ao Imperador, diz textualmente: "no dia da gloriosa Assenção do Senhor, que se contarão vinte e sete de Maio, tive a ineffavel consolação de ver em fim finalizados os obstáculos, que até então me impedirão o gozo de me unir a Ella, (a Igreja Cuybaense).

No officio que dali dirigiu ao Imperador e que como toda a sua correspondência existe registado em preciosissimo códice archivado no Cartório Ecclesiastico, allude ás intenções e projectos que trazia, pedindo o beneplacito do Chefe do Estado para os mesmos.

Assim é que refere as necessidades da Prelazia, entre as quaes "tanta e tanta Gentilidade de que me vejo já rodeado sem poder dar o mínimo amparo ..." E accrescenta precisar de "fervorosos Ministros do Evangelho" fazendo ver que dos "padres seculares" raros se encontrão com esta vocação..."

Não se revestiu de pompa e alarde festivos a chegada do Prelado, mas sim a rodeou um vivo ambiente de carinho e intima alegria.

É ainda elle quem nol-o diz, no officio referido:

«Se huma ostentação puramente mundana não assignallou o dia em que esta Igreja despio o manto da sua viduidade, as demonstraçoens de ternura, e veneração que recebi deste Povo em todas as classes, que o compoem forão tão decisivas, que excedem a toda a consideração com que se pode julgar de hum verdadeiro amor.»

No governo da Prelazia, logo dois annos após elevada a Bispado, ia Fr. José revelar novos aspectos da sua curiosa e empolgante individualidade.

As poucas pastoraes que delle existem, e encontradas, em avulso, no archivo ecclesiastico, dão a medida elo seu zêlo e dedicação assaz desenvolvidos no amanho da vinha que lhe fôra confiada.

São em numero de sete, assim especificadas:

I — Acerca do Indulto permitindo o uso da carne durante a quaresma (16 de Fevereiro de 1825).

II — Sobre a criação de um Collegio e de um Seminário (25 de Setembro de 1829).

III — Despedindo se dos Diocesanos por ter de

seguir em Visita a vários pontos do Bispado (31 de Outubro de 1829).

IV — Instruindo sobre o Sacramento da Confirmação (Em visita pastoral, na cidade de Matto Grosso, a 24 de Dezembro de 1829).

V — A respeito do Jubileu do Anno Santo (27 de Março de 1830, ainda em Matto Grosso).

VI — Aos Diamantinenses, acerca da Igreja local (Em visita pastoral, a 16 de Julho de 1831).

VII — Acerca do preceito da Santificação do Domingo (3 de Setembro de 1831).

Transuma de todos esses escriptos, a par de um immenso carinho paternal, em linguagem claríssima e, ao mesmo tempo, suggestiva, uma profunda noção dos seus deveres de Chefe espiritual de uma grei numerosa e dispersa, pobre e ignorante, tão necessitada da esmola da palavra, que sustenta o espírito, como do óbolo do dinheiro, que alimenta o corpo.

Imagine-se, hoje, o que fôra a Diocese cuyabana um século atrás, quando a Fr. José coube a árdua missão de dirigil-a. A não ser a séde, Cuyabá, e as Parochias de Matto Grosso e Diamantino, a primeira já em franco declínio, o mais eram arraiaes ou lavras decadentes, malocas de índios, grandes fazendas a distancia de léguas, sertões indevassáveis e immensos.

Isso pelo que diz o lado material, esses os embaraços de natureza physica e geographica. Pônde agora em linha de conta o peor, que são os óbices moraes.

Uma sociedade em formação, constituída de heterogêneos elementos, fomentada pelos ódios políticos, habilmente explorados pelos interessados, aggravados por uma situação economico-financeira sombria e de imprevisível futuro, tendendo a empeiorar sempre mais.

Juntae a isto a frouxidão de costumes, que campeava por toda a parte, derivada de um longo estagio de vida á solta, sem freios nem rédeas, em promiscu-

os e fáceis contactos com a população indígena e negra, na incentivadora intimidade das malocas e das senzalas, dos quartéis da milícia e dos engenhos, que tudo parecia tender a transformar em vasto tremedal de lascivia a vida das classes baixas do povo.

Essas licenciosidades eram taes que estrangeiros, por aqui em transitio, como Florence e outros, logo se offereciam como alvo de observação.

Para abrir lucta com este estado de cousas com que contava Fr. José? Com bem poucos elementos, sobretudo si attendermos a que o próprio clero da época se contaminara no ambiente deletério a cuja influencia, desde, os tempos coloniaes, cedera, ao invés de contra ella reagir francamente.

Eloqüente depoimento nol-o dá o próprio Fr. José, em officio de 26 de Julho de 1825, á Secretaria da Justiça quando se referindo ao estado da Prelazia, assim o debuxa, em largas pinceladas.

"Por aqui a tudo se fás preciso insinuar principios de creação, a que o mizero e deploravel estado em que encontramos esta Prelazia, tanto pelos multiplicados abusos, que a cobrem, como pela privação e falta de Ministros com alguma sufficiencia"

E em outro officio de 13 de Outubro do mesmo anno, allude ao clero da época, descuidado dos deveres de pregação e de instrucção, quasi que se limitando a "acudir com promptidão quando são chamados para os enfermos".

Fr. José passa, na caligem daquelles dias tenebrosos, como uma visão puríssima de bondade e de virtude, de renuncia e de sacrificio, dando assim, em meio ao lodaçal que tudo avassalava, a impressão de uma dessas nymphéas do pantanal, pairando, alvíssimas e leves, á língua d'água, como esflorando a lama, sem nella se macular.

"Homem de muitas virtudes e de costumes austeros, é como lhe chama Moutinho, bastante severo no adjectivar os que lhe não cahiam no agrado. (27)

E por esse diapasão afinam os que o conheceram ou delle houveram noticia.

Entre os contemporâneos, os que se lhe referem para gabar-lhe a "celebrada piedade", como V. Corrêa Filho (28), ou a philanthropia que o tornara «o pai da pobreza, o amparo dos desprotegidos da sorte», como assevera Estevão de Mendonça, (29) são unânimes em accentuar o seu espírito de caridade e o seu zêlo pastoral.

(27) Noticia sobre a Província de M. Grosso, pag. 50.

(28) Matto Grosso, 96.

(29) Datas, I, 278.

VI

Os Predicados do Administrador

... e o Prelado ha de ser vigilante e ir diante dos súbditos no exemplo das virtudes.

(P. Manoel Bernardes - Nova Floresta, V, 80)

Rico manadeiro de informes acerca da actuação de Fr. José na Prelazia e no governo do Bispado, é alem do Livro da correspondência já citado, o "1º Livro de Provizoens", de 1824 a 1835, precioso manuscripto conservado no Archivo da Archidiocese, onde se encontram, passo a passo, todas as providencias tomadas pelo prelado na direcção das causas ecclesiasticas.

Ali está patente aos olhos de quem queira ver o seu zêlo pelo clero, logo posto de manifesto nas innumeradas provisões com que tratou, desde que assumiu as suas funcções, de organizar os serviços da Egreja, expedindo nomeações, preenchendo cargos e provendo o bom andamento dos negócios sob sua responsabilidade.

Faculta esse curioso códice, cujas paginas venerandas abrem aos nossos olhares a Cuyabá de ha um século atrás, o exacto e fiel conhecimento do clero daquellas eras, trazendo a lume nomes pouco sabidos e figuras interessantes, mas raro conhecidas.

Empossado em Maio, começou Fr. José por nomear a 15 do mês seguinte, o P. Miguel Dias de Oliveira, Escrivão da Câmara e Auditorio Ecclesiastico,

cargo em que lhe foi dado substituto, a 23 de Novembro do anno immediato, na pessoa do clérigo *in minoribus* Jeã Gonçalves da Cruz.

A 16 de Junho nomeava Examinador Synodal, Provisor, Vigário Geral, Juiz das justificações *de genere* o P. Antonio Tavares Corrêa da Silva.

E em provisões successivas investia nas funcções de 1º Coadjutor da Cathedral o P. Joaquim Teixeira Coelho (21 de Junho), advogado do auditório ecclesiastico o P. Gabriel Nunes do Valle (26 de junho), Inquiridor e solicitador do Juízo o P. João Baptista de Faria Villaça (26 de Junho), Examinador Synodal e Juiz de casamentos o P. Manoel Machado de Siqueira (1 de Julho), 2º Coadjutor da Cathedral o P. Manoel Gomes de Faria (27 de Agosto), Fabriqueiro e Vice-Sachristão da Cathedral o Diacono Antonio da Costa Vianna (7 de Agosto), 3º Coadjutor da Cathedral o P. Manoel Pinto de Siqueira, (28 de Agosto) Sacristão-mor o P. Prudente Duarte da Costa (26 de Agosto), Promotor da Justiça Ecclesiastica o P. José da Silva Guimarães (16 de abril de 1825), alem dos leigos João Luiz de Araújo, Fabriqueiro da Cathedral (11 de Janeiro de 1825), José Pereira de Guimarães, Inquiridor e Distribuidor (16 de Maio de 1825) José Manoel Pereira de Faria, Porteiro e Pregoeiro de Auditórios (13 de Maio) e Francisco Bernardo, Meirinho ecclesiastico (13 de Maio).

Servia como Secretario do Bispado Fr. Marcellino de Chagas de Goyaz, que, vindo a fallecer em Outubro de 1827, foi substituído pelo Iniciando Antonio Pereira Mendes.

Cogitava Fr. José ao mesmo tempo em trazer providas as Vigarárias e parochias, destacando, em 1824, o P. Cláudio Joaquim Monteiro de Faria para Diamantino, o P. João Heitor para o arraial de S. Pedro d'El Rey, como ainda então se chamava a actual

Poconé, o P. Manoel Ferraz de Sampaio Botelho para a Chapada e, em 1826, o P. Antonio Antunes Maciel Rondon para Livramento e o P. Bento de Souza Vaz Canavarros para Rosário do Rio Cuyabá.acima.

Solicito, mal se vagava um officio, cuidava em provel-o por pessoa idônea e capaz e assim é que tendo o P. Tavares, Vigário Geral, transferido morada para o seu sitio na Serra-Acima, nomeou, por provisão de 29 de outubro de 1830, o P. Manoel Gomes de Faria para o substituir temporariamente.

Em Dezembro de 1824, expedia o zeloso Pastor a provisão pela qual, attendendo ás circumstancias especiaes da cidade de Matto Grosso, a antiga e já então decadente Capital, «com manifesto detrimento dos Habitantes daquella Parte — não só pela distante situação, que os impossibilita de tratar bem as suas dependências, receber a tempo aquelles socorros de necessitão, como por que sendo o Nosso Provisor, e Vigário Geral único, não pode, em razão de vários objectos, de que quasi sempre se vê sobrecarregado, satisfazer com a devida exacção e desempenho, os respectivos deveres» nomeou ao P. Manoel Ferraz de Sampaio Botelho Examinador Synodal, Provisor Vigário Geral, e Parochial, Juiz dos Casamentos, das justificações *de genere*, e dos Resíduos da Cidade de Matto-Grosso e mais lugares adjacentes.

O seu zêlo pastoral, de resto, transparece a cada pagina do livro das Provisões e do da Correspondência da Prelazia, sendo ocioso estar a repontal-as, indicando medidas e providencias oportunas e efficazes por elle tomadas a prol do bom andamento das cousas no seio da sua grey espiritual.

As suas vistas atiladas e o seu coração amoroso de Pae se estendiam, equitativamente, a todos os pontos da Prelazia ou Bispado cuja direcção lhe fôra dada e comprova esta assertiva curioso documento que

é a carta dirigida por Fr. José ao ex-governador João Carlos, no Rio, quando de vinda para assumir a Prelazia, a 20 de Março de 1824, parara no "Lugar do Rio Grande", que é hoje a florescente Registro do Araguaya.

Nesse Escripto, todo cheio de um tom de cordial amizade, depois de agradecer as finezas que Oyenhausen lhe prodigara na Côrte, communica Fr. José a sua "chegada neste aprazível Lugar do Rio grande, onde (por ser moralmente certo que tudo concorre para fazel-o com o tempo huma cousa grande) resolvi-me suspender por algum tanto a marcha a fim de dar principio a organização do Edifício Espiritual dos seus Habitantes» e o seu propósito de em chegando a Cuyabá iniciar logo a visita pastoral por toda Província «para que possa ser bem inteirado do Estado da Prelazia e das necessidades de tão numerosa Família.»

As suas relações com João Carlos o levaram a constituir-o seu procurador no Rio, conforme communicou, em officio, ao Imperador: « A João Carlos Augusto de Oeynhausien, como bem pratico, amoroso e de actividade tenho constituído por meu Procurador perante Vossa Magestade Imperial, para tratar do referido não só, como de tudo mais que eu necessitar.»

A penas nomeado pelo Dec. Imperial de 1823, dirigiu o Prelado ao Cardeal Prefeito da Sagrada Congregação *de Propaganda Fide*, em data de 8 de Setembro daquelle anno, do Rio, onde se achava, uma carta que é um modelo de humildade e ao mesmo tempo de confiança nos desígnios do Alto.

Nessa carta, que fez acompanhar de um exemplar da sua Pastoral de Saudação aos Fieis da Prelazia (30) elle dizia contar partir em poucos dias para a Prelazia e dar principio ao Ministério confiado. (31)

(30) Infelizmente não consegui encontrar copia desse documento no qual diz Fr. José que dava ao povo cuyabano um "attestado de gratidão e de amor feito no melhor modo possível".

(31) Archivo eccles. Mass. I corresp.

Na mesma data e em termos quasi análogos escreve o novo Prelado ao Procurador e Commissario geral da Ordem dos Capuchinhos, sendo ambas as letras redigidas em italiano.

É ainda para notado no Governo da Prelazia o seu zêlo na formação do clero, tendo ordenado vários sacerdotes, entre outros o poconéano P. Domingos Carlos da Cunha; "indígena do arraial de S. Pedro d'El Rey" a quem deu poder para celebrar a sua 1º Missa, em 1824. (32)

Não menor o seu zêlo pelos Hospitales ou Casas Pias, como se chamaram, e aos quaes se refere na carta a João Carlos, inesquecível fundador das mesmas.

Sem duvida, porém, concentrou os seus cuidados na educação, já trazendo intuito, ao vir para a Prelazia, de fundar um Collegio e um Seminário, que, a começo, cuidou estabelecer junto á Misericórdia (33) e, ao depois, no Porto Geral, ao lado do S. Gonçalo, onde teve o seu paço episcopal.

A conservação e construcção dos templos merecem-lhe, outrosim, mimosos desvelos, podendo-se a este respeito citar, como paradigma, a sua pastoral de 16 de Junho de 1831 aos Diamantinenses, que é, talvez, o melhor documento vivo que do seu espírito nos foi legado.

Varias vezes se ausentou o Prelado de Cuyabá, figurando então, como signatários das Provisões, ora o Vigário Geral P. Tavares, ora o Juiz de Casamentos P. Machado de Siqueira. Assim entre 3 de Junho e 11 de Agosto de 1827, 21 de Janeiro e 8 de Maio de 1829, 16 e 24 de Setembro desse mesmo anno, e, em diversos períodos de 1830, em que, como vimos, esteve em visita pastoral pelo Bispado.

(32) Prov, de 10 dezº de 1824, 1º Lº de Provizoens.

(33) Carta a João Carlos, referida.

A ultima provisão que trazia assignatura de Fr. José é datada de 1 de Janeiro de 1831: segue-se dahi por diante uma serie firmada pelo P. Tavares, primeiro como Vigário Geral e, após, a partir de 23 de Abril de 1832, como Vigário Capitular do Bispado com toda a jurisdicção o Delegado da Séde Episcopal vacante, em virtude de provisão de 24 de Novembro de 1831 de D. Romualdo Antonio de Seixas (34).

Infelizmente não foi possível a Fr. Macerata, em sete annos que durou sua jurisdicção ecclesiastica, com o tempo tomado por longas e exhaustivas jornadas nas suas visitas pastoraes, desenvolver todo o seu bello plano de trabalho e quando ainda se dispunha a empregar os seus esforços a prol do progresso material e moral da Província «tão pobre mais do que de Fjnanças, de Letras, e Moral.» (35) eis que o surprehende a sua destituição summarissima do cargo, no mais injusto e flagrante gesto de menosprezo pelos seus serviços irremuneráveis.

Nem as Bullas de Bispo *in Partibus* lhe foram expedidas, não obstante ter direito a essas honras de accordo com o Bulla *Candor Lucis aeternae*.

Assim paga o Mundo os benefícios que lhe são feitos!

(34) Essa provisão que o P. Tavares teve o cuidado de fazer transcrever no livro foi publicada a 1 de abril de 1832, á estação da Missa Parochial. Nesse mesmo dia tomou posse.

(35) Carta a Estevão Ribeiro de Rezende, em 1840.

VII

Fortaleza e mansuetude

Discite a me, quia mitis sum, et humilis corde.
(Matth. XI, 29)

Qui cum causa non irascitur, peccat: patientia enim is rationabilis vitia seminat, negligentiam nutrit, et non solum malos, sed etiam bonos invitat ad malum.
(João Jeresolimitano — Matth, Hom. 11)

Realizando, á perfeição, o “*suaviter et fortiter*” da Bíblia, Fr. José casava á humildade e mansidão de animo que caracterizam a alma do franciscano essa energia indomável, de que deu sobejas provas no exercício dos vários *munus* que lhe foram incumbidos.

Foi, porém, sobretudo, na gestão da Prelazia que, revelando os seus raros predicamentos de administrador, se lhe ensejou pôr de manifesto essas duas faces do seu espírito, as quaes, posto aparentemente se antagonizem, são arestas de um mesmo crystal, reverberando luz diversa a quem as observa, mas no intimo iguaes refrações da virtude veramente christan.

Jesus que ensina a a apresentar a outra face ao injuriante, não se dedignou elle mesmo, quando preciso, de empunhar o azorrague com que vergastou os traficantes do Santuário.

Mais de uma vez Fr. José demonstrou a sua mansuetude. A sua vida toda é um claro e luminoso exemplo de cordura e de paz.

Quando, porém, se fez mister, não lhe escasseou a fortaleza de animo para reprimir abusos, coarctar erronias, enfrentar malevolências e desrespeitos, viessem donde viessem.

Logo em chegando á Prelazia, ao cuidar de "repartir os poucos Ministros que havião para Provimento de alguns Lugares" deparou-se-lhe uma irregularidade, que se deu mossa em levar ao conhecimento do Governo Imperial, no facto de se recusar o Padre José da Silva Guimarães "não obstante ser moço e não ter ainda dado serviços á Igreja" a nomeação para um cargo, sob o pretexto de gozar privilégios na qualidade de Commissario da Bulla. E em officio de 22 de Julho de 1824, ao Imperador, fazendo sentir a necessidade que havia de Ministros, suggeria a conveniência de isentar o mesmo sacerdote de tal attribuição, tornando-a annexa ao Vicariato Geral.

Nesse mesmo officio denuncia o zeloso Prelado uma anomalia do Foro secular, para a qual solicita providencia, anomalia consistente no facto de abrirem e tomarem conta dos testamentos nos mezes que competiam ao Juízo Ecclesiastico. E declara ter expedido um Edital acerca do assumpto havendo o Provedor de Ausentes «instigado por seus Escrivães» hesitado em dar cumprimento ao Edital e affectado, por ultimo, o caso ao Governo Imperial.

Na mesma data, officinando ao Governo, pelo Tribunal da Mesa de Consciencia e Ordens, profligava outras irregularidades que encontrara, tal a de conferir o Compromisso da Irmandade do Senhor Bom Jesus faculdades que se sobrepunham á jurisdicção prelaticia.

Outro abuso que estava a reclamar enérgicas providencias e que não tardaram a ser tomadas pelo diligente Pastor, era o que dizia respeito á cobrança dos direitos Parochiaes, conhecida e benésses, exorbitan-

temente calculados e duramente extorquidos ao povo.

Tão grande era o clamor despertado por esses vexatórios tributos que o Senado da Câmara de Cuyabá, nas Instrucções que deu ao Deputado Navarro de Abreu afim de tratar disso na Assembléa Geral Constituinte de Império, incluía, sob n° 8, a seguinte:

«Augmentão consideravelmente os males desta Província os excessivos Direitos Parochiaes, e até contribuem para froxidão das devoçoens Religiosas. As conhecenças a trezentos reis para aquelles Freguezes, que concorrem á Matris, e seis centos reis para os que são desobrigados em suas fazendas, hé uma taixa insupportavel.

Morre hum escravo, e o Senhor que o perde, alem do prejuízo que soffre no valor delle e na despesa do seu curativo hé condemnado a pagar 6\$450 reis para o seu enterramento o que (em lugar de suffragios) parece mais hum tributo á morte á favor dos Ecclesiasticos."

Para obviar abusos e escândalos decorrentes dessa grave situação, deu-se pressa Fr. José em baixar o Edicto de 27 de Novembro de 1824, em o qual estabelecia o Novo Regulamento, dos Direitos Parochiaes, que vem transcripto no Livro de Correspondência, (fs 33 e 8egs.) e precedido de oportunas considerações, vasadas em linguagem vehemente, com que vergastava os abusos da época.

O caso, porém, em que culminou a firmeza de animo do Prelado, no defrontar os absurdos e imposições dos magnatas da época, foi o incidente provocado pelo Cirurgião-Mór Antonio Luis Patrício da Silva Manso, o famigerado mestiço paulistano que se celebrizou em nossa Historia menos pelo seus conhecimentos botânicos ou therapeuticos do que pelo seu gênio inquieto e turbulento, hábil no explorar as paixões malsans do populacho ignaro.

Esse facto, de grande repercussão na época e que põe de manifesto a serena coragem do Prelado de frente á arrogância balota do demagogo, vem fiel-

mente relatado, em todos os seus pormenores, no officio por Fr. José enviado ao Imperador em data de 22 de Fevereiro de 1826, seguido de cinco documentos pertinentes ao caso.

Parecerá, *prima facie*, uma questão de nonada, a quem, desconhecedor do ambiente e da extranha psychologia da época e do meio Cuyabano do segundo quartel do século passado, attentar ao episodio em si, despido das circumstancias que o rodeavam. Por outro lado, lobrigará algum espírito malévolo, sinão desprevenido, algo de orgulho ou vaidade na attitude do Capuchinho que, sem destemor, leva a conhecimento do Governo Imperial o facto de se lhe haver negado o tratamento a que tinha direito pelas leis e costumes.

O evento em si é o seguinte: Patrício Manso promovia perante o Juizo Ecclesiastico uma justificação de estado livre a fim de casar-se com D. Blandina Eudoxia Julia. Antes tentara, junto ao Provisor e Vigário Geral, omittir essa formalidade imprescindível, com o que não concordou o Prelado.

Feita a justificação, dirigiu se Manso ao Juiz de Casamentos para requerer a Provisão necessária para o matrimonio.

Mandou aquelle que fosse, como de direito, requerida a Provisão ao Administrador da Diocese.

Aqui é que começa o incidente.

Patrício Manso, que Fr. José em seu alludido officio apoda de "sujeito na verdade de pouco character e bem conhecido pelas suas acçoens nesta província" e que, conforme diz o Prelado, já por mais de uma vez havia atacado a sua Pessoa e Auctoridade, dirigiu-lhe um requerimento por Fr. José adjectivado de "affrontoso," no qual lhe negando o tratamento de Excellencia que lhe era devido, o tratou por Illustrissimo, como de costume se empregava para o Vigário Geral.

Determinou Fr. José, sem mais consideração, que

o peticionário "requerese em forma". Petulantemente, acintosamente, volveu Patrício Manso á presença do Prelado com segundo pedido em que solicitava a graça impetrada ou que se lhe apontasse a Lei violada.

Segunda vez retorquiu o Prelado e, ante uma terceira tentativa, despachou na forma seguinte: Resta que reformem o Tratamento, e Nos dêm o que Nos compete pelas Leis do Império, e praxe ordinária."

Veio, afinal, o Cirurgião-mór com uma quarta petição, em termos devidos, a qual foi por Fr. José deferida. Após varias idas e venidas, tendo sobrevindo a interferência de Joaquim da Silva Tavares, parente da noiva de Manso, entrou este com um requerimento de recurso á Corôa, o qual foi recebido pela Imperial Junta, mandando, em accordam, que se concedesse a licença ao requerente para effectuar o seu casamento, ventilando-se á parte a questão do tratamento.

O incidente, levado ao conhecimento imperial, teve solução condigna e justa pelo aviso de 31 de Março de 1826, em que o Imperador mandou, reprehender o Cirurgião-mór Antonio Luis Patrício da Silva Manso pela falta de attenção com a pessôa do Prelado.

Não se supponha que outro fosse o intuito de Fr. José ao resalvar na dignidade do tratamento que lhe competia a própria autoridade do seu cargo e ministério.

É elle quem o affirma quando no predito officio, diz:

"Eu sou uma authoridade Ecclesiastica legitimamente constituída por vossa Magestade Imperial á testa de huma grande Província" e, mais adiante ao pedir para "o gênio máo, e perverso, suscitador de novidades, e perturbador da pás publica" a merecida punição, revela ainda nesse ponto o seu espírito elevado e cheio de superioridade ao inculcar que a pena seja "imposta porem com caridade, e com aquella modificação, brandura, e suavidade, que parecer a Vossa Magestade Imperial".

VIII

Nativismo mal entendido

Por minha parte, eu, que desejo, que solicito, que de braços abertos recebo toda coadjuvação do estrangeiro para a prosperidade material e moral da minha pátria, não posso repellir o do religioso, cuja serena esphera de acção está acima dos tiros do nativismo.

(Carlos de Laet — O Frade estrangeiro)

O rude vendaval que sacudiu a novel Província e todo o país, na sua crise de crescimento, e por pouco, abalou até as instituições e quiçá a nossa autonomia nuperconquistada, estendeu os seus effeitos até a Prelazia de Matto Grosso que o nativismo exagerado não podia ver com bons olhos entregue ás mãos do varão virtuosíssimo e bemquisto mas que viera á luz em outras plagas que não as do Brasil.

Tão longe levavam os campeões do nativismo os seus ciosos amores pelo Brasil que o simples factó de ser estrangeiro se tornava feio delicto e grave demérito á gente de 1830.

Accresce que Fr. José, com ser italiano, ainda que mais de uma década de labores apostólicos o devesse ter amattogrossensado, era também, dada a feição do seu espírito, cheio desse amor universal de todas as creaturas que caracterizou o seu grande Pae e mestre S. Francisco de Assis, contrario a todos os excessos e desmandos que, sob color de nacionalismo, as

paixões partidárias deflagraram contra os portuguezes e os que lhes eram sympathicos.

Dá exemplo dessa forte tendência de seu espírito curioso episodio occorrido no Diamantino, por occasião da Rusga, e no qual a opinião publica lobrigou uma das muitas manifestações do seu poder divinatório, devassador dos arcanos do porvir.

Iniciara-se a perseguição tenaz e implacável aos "bicudos" e "caramurus", — nomes pelos quaes a gíria fazia conhecer os portuguezes e os que os protegiam. A sanha feroz dos nativistas não podia tolerar o espírito de christan mansuetude do capuchinho, ao qual, por sua vez, se figuravam excessos condemnaveis os desvarios dos pseudos defensores do nacionalismo.

Quando irrompeu a lucta estava Frei José no Diamantino, e vendo a sanha com que eram procurados os portuguezes dissera:

— "Isto não acabará emquanto não fôr derramado sangue brasileiro."

E effectivamente, tal aconteceu, como previra o santo varão.

Dando caça, que outra expressão não se ajusta ao caso, ao medico portuguez João José Monteiro, morto iníqua e barbaramente dentro da própria moradia, fizeram os jacobinos alvo de suas iras a um filho do mesmo, brasileiro nato, inconscientemente victimado pela sanguinária cólera dos seus próprios patrícios.

Foi este factó doloroso e revoltante o epílogo da "Rusga" na villa do Diamantino.

O tufão que se desencadeava sobre a Província e o país exigia, porém, novas immolações ao Molóch do patriotismo vesgo e daltonizado dessas phases de transição e de revolta.

O infatigável Missionário foi uma das victimas. Os nativistas descobrindo-lhe feia macula na circumstancia de não ter nascido sob o céu do Cruzeiro

e sim nas plagas que o Adriático e o Tyrreno osculam de seus lânguidos beijos, conseguiram do governo regencial, encarnado na pessoa do P. Feijó, a dispensa de Fr. José do *múnus* da Prelazia que vinha com tanto acerto e dedicação exercitando. E assim é que, por Decr. de 27 de Agosto de 1831, Fr. José era desonerado "da Prelazia e administração ecclesiastica de Cuiabá e Matto-Grosso, porque sendo estrangeiro não pode exercer emprego algum publico neste Império". Completando o propósito naquelle decreto contido, o a viso de 22 de Dezembro do mesmo anno, expedido pela Secretaria d'Estado da Justiça ao Presidente da Província, determinava que Fr. José Maria de Macerata se empregasse "como dantes na Cathequese dos Indios" se o Presidente e o Vigário Capitular do Bispado assim o entendessem de vantagem.

Isso mesmo communicou o Presidente Corrêa da Costa, em officio do 25 de abril de 1832, ao P. Antonio Tavares Corrêa da Silva, a quem entregara a Regência, com a provisão de Vigário Capitular, as rédeas do Bispado, na qualidade de governador interino, consultando-o acerca do assumpto, trazendo o mesmo officio governamental, á guiza de esclarecimento, a informação de que, na lei orçamentária, se consignava para o serviço da Catechese a verba de 2:300\$000.

Deu-se pressa em responder o Vigário Capitular á consulta do Presidente, e, a 28 do mesmo Abril de 1832, este accusava nos seguintes termos o recebimento do officio daquelle, datado desse dia:

Illmo. Revmo. Snr.

"Tenho presente o officio de V. S. datado de hoje, em resposta ao que eu lhe dirigi em data de 25; e sendo os meus sentimentos em tudo idênticos aos de V. S. para o encargo a que reverte o Revdo. Fr. José Maria de Macerata, Missionário Apostólico, convenço-me ao mesmo tempo que a V. S. compete fazer-lhe a necessa-

ria participação, em conformidade das Imperiaes Ordens, e depois transmittir-me o resultado, no caso de acceitação, para q'eu expessa ulteriores Ordens ás Estações competentes. Deos guarde a V. Excia. Cuiabá, 28 de Abril 1832 (36).

(a) Antonio Corrêa da Costa."

Volvia, dest'arte, ao campo das suas labutas apostólicas o egrégio sacerdote, cujos serviços no governo da Prelazia, durante cerca de sete annos, não mereceram siquer uma palavra de louvor ou de justiça da parte do governo regencial ou provincial.

Recusavam-se, como desnecessários, suas luzes e seu tino na direcção do Bispado, pelo simples facto de ser alinegena. Exigiam-se, entretanto, essas mesmas qualidades, já postas á mostra, no serviço penoso e duro da christianização dos silvícolas. De sorte que, na vesga comprehensão dos nacionalistas reaccionarios do período da post-abdicação, não era licito a um frade estrangeiro, mal que falassem a seu favor 12 annos de indefessos labores, manter-se á testa de uma Prelazia sertaneja, mas permittia-se lhe, no contacto directo com as populações indígenas e rústicas do interior da Província, inocular-lhes o seu nocivo *vírus* anti-nacionalista: decorrente da só condição de filho de outras terras!

Ao cabo, a verdade é esta: as honras da Prelazia lhe eram defesas, por ser estrangeiro, mas os rudes e árduos labores da colonização, esses os nacionalistas lh'os commettiam, com toda confiança, mesmo porque do clero brasileiro poucos, tal vez nenhum, no tempo, os preferissem.

Lógica admirável, lógica illogica, que, de resto, não deixa de ser, ainda hoje, a outros respeitos, a que orienta muitas vezes, a moral politica de nossos dias!

(36) Este officio, bem como o anteriormente referido, existe, em original no Archivo Ecclesiastico, masso Avulsos, nº 1.

IX

Novo campo de acção

Procurai quanto for possível de vos fazerdes amar d'esta gente, porque muyto maior fruyto fareis com elles se vos amarem, que se vos temerem.

(Historia da vida do Padre S, Francisco de Xavier - Joam de Lucena, edic. 1788, II, 281)

Toda uma década — a que se estende de 1833 a 1843 — Frei José exercitou sua benéfica actividade no campo da educação, e da instrucção, radicando-se algum tempo na Villa do Diamantino — theatro obscuro e glorioso dos seus labores evangélicos.

Dispensado do governo da Prelazia, emprehendeu uma viagem á Côrte, conforme testifica o officio do Presidente Antonio Correa da Costa ao Vigário Capitular, em data de 3 de Janeiro de 1833, respondido no dia seguinte, no qual a autoridade civil solicitava á ecclesiastica informação acerca da circumstancia de achar-se ou não o mesmo frade no caso de obter o passaporte que áquelle fim solicitara. (37)

Que objectivos teria Frei José, nessa viagem, não é possível precisar, mas, ante certos elementos, é licito conjecturar, ao menos, que o houvesse induzido o propósito de conseguir uma reparação á injustiça que soffrera e que, por certo, funda magua lhe deixára na alma.

(37) Officio, em original, no Archivo do Arcebispado.

O Bispo eleito para substituí-lo, (38) Plácido Mendes Carneiro, nomeado por Dec. de 18 de Outubro de 1829, renunciara, a 11 de Outubro de 1830, a dignidade episcopal, (39) tendo, em seguida, sido nomeado, a 6 de Outubro de 1831, o Bispo P. José Antonio dos Reis, proposto ao Summo Pontífice Gregório XVI, no consistório de 2 Julho de 1832.

Frei José que, após a sua destituição da Prelazia e Governo do Bispado, se retirara para o Diamantino, de lá escreveu a Monsenhor Fabbrini (Scipião Domingos) em data de 25 de Agosto de 1832, acerca do Bispado, por elle considerado ainda vacante.

A resposta de Monsenhor Fabbrini, datada do Rio, a 30 de Dezembro de 1832, e cujo original, em latim, existe no Archivo Ecclesiastico, o punha a par do que até ahi ocorrera, mas tudo leva a crer que essa resposta se cruzasse em caminho com o seu destinatário, em rumo á Corte logo em começos de 1833.

Baldar-se-ia qualquer esforço ou empenho do capuchinho, ante as providencias já tomadas pelo governo da Regência no tocante á sua substituição.

Effectivamente, a 8 de Dezembro de 1832, recebia o 1º Bispo de Cuyabá, D. José, os óleos da sagração na Cathedral Paulistana e, a 2 de Julho do anno seguinte, pelo seu procurador Padre José da Silva Guimarães se empossava no Bispado, em cuja séde somente a 27 de Novembro daria entrada.

Frei José, por certo, não lhe amargaria por muito a injustiça que soffrêra. Ao seu character altaneiro

(38) Elevada a Bispado a Prelazia de Cuyabá e Matto-Grosso, pela Bulla *Sollicita Catholicae Gregis Cura*, de 15 de Julho de 1828, foi nomeado o Cônego da Imperial Capella Placida Mendes Carneiro para substituir o Capuchinho Fr. José.

(39) Candido Mendes no seu precioso *Direito Civil Ecclesiastico Brasileiro* edic. 1866, vol. I, 1337 dá-lhe o nome de Plácido Mendes Carneiro que deve sêr o exacto, pois combina com o que vem na carta de *Fabbrini* a Fr. José.

e, ao mesmo tempo, humilde, de filho do seraphico Padre S. Francisco, fácil fôra resignar-se ao facto consummado, volvendo, feliz e animado do mesmo espírito de dedicação e carinho, á nova seara que Deus lhe indicava. Fez sua residência e centro de acção na villa do Alto Paraguay Diamantino, onde o encontramos até 1840, só voltando definitivamente em 1841 á Capital da Província.

Da sua actividade em prol da educação da mocidade e infância e do seu zelo pela Religião talam, no referido período, a fundação de um Collegio sob vocação de "Jesus Maria e José", e de um recolhimento para freiras, por elle mantido durante os annos que lá residiu. (40)

A sua piedade, o seu extremado devotamento á pobreza, a sua solicitude pelo bem da grei que lhe fôra confiada deixaram, na antiga e tradicional villa nortense, uma fama que ainda hoje perdura florescendo em lendas e narraes encantadores, que as velhinhas repetem, em êxtase, si porventura alguém lhes evoca o nome abençoado de Fr. José.

A mais de uma ouvi, em se referindo ao santo varão, expressões como estas:

(40) Acerca do velho Diamantino pode-se lêr o que escrevi no ensaio "*Um homem e uma época*", Rev. do Inst. Hist. de Matto-Grosso, tomo XIII, 71. Já ao vir para a Prelazia, trazia Fr. José o desígnio de fundar um recolhimento, como se evidencia deste tópico do officio dirigido ao Imperador Pedro I, em 22-7-1824: "Outro (objecto) de igual pezo, e não de inferior vantagem publica, he um Conservatório de recolhidas que espero tão bem estabelecer se Vossa Magestade Imperial for servido conceder-me a Fabrica que aqui temos principiada pelo Tenente General Magessi com o destino de servir para um Quartel, o que todos reputão inútil e na realidade não ha precisão alguma."

E, prosseguindo, traçava o plano do seu Recolhimento: "Este Conservatório formar-se ha á imitação das Recolhidas da Luz da Cidade de São Paulo, providas pela Providencia, e secundariamente por seus trabalhos: pelo que alem de estarem dedicadas a servir a Deos e a viver em seu santo Temor, suas obrigaçoens serão sobretudo fiar, tecer, alimpar, engomar, costurar, e arranjar todo o fato do Hospital, Collegio e Seminário não só como paramentos de Igrejas, toalhas, sobrepellizes, etcetera etcetera".

— Fr. José? Esse era um santo! Homem de virtude como não houve! Padre de bôa vida era esse! Pois si elle fazia milagres, adivinhava os pensamentos e cousas mais de admirar!

Em 1840 — o ultimo anno que passou no Diamantino, pois em 1841 já o encontramos em Cuyabá — Fr. José carteara-se de lá com o Presidente Estevão Ribeiro de Resende, fazendo-lhe, por intermédio do Cap. José Pedro da Silva Prado, uma visita, que o Governador retribuia em affectuosa letra, cheia de carinho exuberante, cujo original, bem como copia da resposta, se encontram no Archivo Ecclesiastico. (41)

A Carta de Rezende, datada de 22 de Junho, fazia referencia a anteriores entre elles trocadas, e bem assim a uma pretenção de Fr. José encaminhada ao governo Imperial, pelo Presidente da Província, que affirmava prezal-o e reverencial-o "como hum dos mais Dignos ornamentos da Santa Madre Igreja Cattholica Apostolica Romana" e lembrava, como jus ao que pretendia, "tantos e tão bons serviços prestados ao Império por V. Excia Rvma. nestes confins do Brasil."

Accusando, a 16 de Julho seguinte, o recebimento da carta, Fr. José, numa longa epistola, que é um mimo de singeleza e sinceridade, extravasava a sua gratitude ao Presidente amigo "por tal e tanta dilecção, e benevolência a favor deste o mais pequeno de todos os Filhos da grande e numerosa família do Patriarcha dos pobres, Francisco."

Terminou ainda Fr. José o anno de 1840 no Diamantino.

Conclue-se esta circumstancia da carta que, a 15 de Dezembro desse anno, lhe dirigiu o Cônego José da Silva Guimarães agradecendo as felicitações que, a 16 de Novembro, lhe enviara, pela sua nomeação para a Presidência da Província.

(41) Correspondência, nº 1.

Nessa carta em que o Cônego Guimarães começa por beijar-lhe as mãos "por suas obrigantes expressões", lamenta que Fr. José "se não resolva a vir á esta Capital não só para ter o gosto de abraçar, como para ajudar-me a carregar o pezado fardo que tenho hoje sobre meos hombros, pois aproveitando das suas luzes, e longa experiência dos negócios públicos mui feliz eu seria".

E terminava dizendo que esperava que Fr. José ainda se resolvesse a fazer esse sacrificio, "mesmo para ajudar-me na testa da Santa Páscoa, da qual sou Provedor este anno".

O convite, instante e affectuoso, deve ter encontrado guarida no coração de Fr. José, pois, logo nos começos de 1841, o vêmos em Cuyabá, cuidando ainda então da educação da mocidade — preocupação constante de seu espírito illuminado e vidente.

X

O espírito de caridade

"La charité u'excepte rieux Elle veut s'emparer de tous nos instants, diriger toutes nos démarches, ordonner toutes nos affections."

(Commentaire sur la Régie de Saint Benoit — D. Paul Delatte — 6me. ed. 74)

Si a religião christan — esse conjuncto perfeito e maravilhoso de dogmas, princípios e preceitos sublimes que vem, ha quasi dois millenios, norteando a marcha do homem sobre a terra — se houvesse de resumir em uma palavra, condensar em um vocábulo somente, que lhe contivesse a summula e quintessenciasse o systema e programma de acção, esse termo polymorphico outro não seria, por certo, senão este — caridade.

E o nosso heróe conheceu e praticou á perfeição essa virtude insigne, *virtus virtutis*, a flor por excellencia da moral religiosa, cujo aroma tão puro e delicioso inebria até aos que, fora da crença, no vórtice do mundo, assolados pelas paixões mais ignaras e conturbadoras, nem por isso deixam de render o preito de admiração aos cultores de tão excelso predicamento.

Frei José personificou o verdadeiro espírito de caridade.

E si, nas árduas funcções de seu apostolado, não raro se lhe apontam rasgos de philanthropia insuperável, traços sobrehumanos de uma bondade sublime, a fama que deixou, os factos extraordinários que lhe cer-

cam a memória de uma lauréola de santidade, por si bastam a inculcar o missionário capuchinho como verdadeiro prototypo da caridade christan, desinteressada e pura.

Illustra a asserção que ahi fica a circumstancia de, já velho e cansado, assoberbado pelos annos e pelas enfermidades, acceitar, de bom grado, as exaustivas funcções de Director Espiritual dos Estabelecimentos Pios de Cuyabá.

Por portaria de 13 de Setembro de 1843, o Presidente da Província Manoel Alves Ribeiro determinara ao Inspector dos Estabelecimentos Pios Joaquim Alves Ferreira que fizesse abrir os assentamentos de vencimentos ao Director Espiritual dos mesmos D. Fr. José Maria de Macerata, a contar de 10 desse mês, em que prestara o respectivo juramento. (42)

Precedera a investidura nessas funcções a Lei Provincial Nº 7, sancionada em 30 de Agosto de 1843, que auctorizava o Presidente a "nomear hum sacerdote nacional ou estrangeiro" para o cargo que creava de Director Espiritual dos Hospitaes de Caridade, com o ordenado de 400\$000 e com as obrigações de residir no Hospital de Nossa Senhora da Misericórdia, e mais dizeres mencionados nos arts. 2, 3 e 4 da mesma Lei (43).

Uma copia dessa Resolução, foi remettida ao Bispo D. José pelo Presidente, capeando-a o officio de 31 de Agosto de 1843, no qual rogava Manoel Alves Ribeiro ao Diocesano que houvesse por bem, ante a alta confiança que lhe merecia, "designar o Sacerdote, em que com proveito dos enfermos dos Hospitaes de Caridade desta Capital deverá recahir a nomeação de Director Espiritual dos mesmos."

(42) Livro de Registro de Ordens existente na S. Casa. fls.226.

(43) Vêr collecção de Leis Provinciaes de 1843.

A indicação do Prelado naturalmente foi incidir no philanthropico filho de S. Francisco a quem, pouco antes, em honrosissimo documento, que é a Portaria de 3 de Agosto de 1842, dava publica testificação de respeito e consideração, dizendo "esperar de suas virtudes e especialmente de sua caridade" que o auxiliasse no carregar o grande peso que o opprimia (44).

Á 2 de Setembro, três dias após a promulgação da Lei, o Presidente se dirigia a Frei José neste expressivo officio:

Exmo e Revmo Snr.

Convencido, assim como o Exmo. Snr. Bispo Diocesano acaba de manifestar pelo officio constante da copia inclusa, de que na respeitável pessoa de V. Excia. concorrem as qualidades necessárias para o bom desempenho das funcções de Director Espiritual dos Hospitaes de Caridade desta Capital novissimamente creado pela Lei Provincial Nº 7 de 30 de Agosto ultimo. Tenho a honra de convidar a V. Excia. para acceitar o seu exercício que é o da Caridade em acção para com os miseráveis e desvalidos, que procuram achar nos hospitaes um linitivo a seos males. Permitta V. Excia. que eu exija a sua decisão pela affirmativa com aquella mesma brevidade com que V. Excia. costuma prestar-se ao consolo dos que chorão afflictos pela pesada mão do infortúnio. Deos Guarde a V. Excia. Palácio do Governo em Cuiabá 2 de Setembro de 1843 (45).

Manoel Alves Ribeiro.

O seu ardor pelo exercício da caridade transparece em todos os escriptos que nos legou e evidencia-se nos menores episódios de sua vida.

Na pastoral de 16 de Fevereiro de 1825 — a mais antiga que se lhe conhece — discorrendo acerca dessa principal virtude, que é de todas as outras madre e origem, assim se exprime:

(44) Livro de Registro dos Privilégios e Faculdades concedidas *in forma brevis* a favor de diversas pessoas da Diocese, pg. 17 v.

"Ultimamente, Queridos filhos, vos Recommendamos a pas, a concórdia, a união, e sobretudo a caridade. Esta he aquella virtude, que segundo a expressão do Príncipe dos Apóstolos esconde a multidão dos peccados e nella já se encerra o fim de todo o preceito. Os pobres são Vossos Irmaons, escutai as suas indigências. São elles huma Imagem, e representação viva de Jesus Christo, socorrei-os então por amor delle, correi a visitá-los enfermos, a consolá-los afflictos, a ampará-los abandonados. A este, e outros Offícios de Piedade vos chama a religião, a fé, e não ha quem se possa legitimamente escuzar, porque a todos he isto possível, ainda quando se trate de despender alguma couza pois segundo S. Leão — Tem patrimônio abastado todo aquelle que tem hum coração benéfico, e dilatado. *Nulli parvus est census, cui magnus est animus*. Sirvão portanto para allivio dos pobres os modificados jejuns, e sejão mais distinctos por huma generosa piedade, do que por huma estéril, e inoperosa abstinência. Procedão com o seu exemplo os ricos, e todos aquelles principalmente, cuja virtude por obrigação do seu Estado, e por expresso commando do Redemptor deve derramar entre os homens raios de Luz mais luminosos. Nós nos lisongeamos de ser percebidos bastante. Permitta Deos, que em seguimento destas amorozas, e paternaes admoestaçoens passeis todo este Sagrado Tempo da Quaresma na Santidade, e na Justiça."

Não se pode ser, a uma, tão eloqüente e tão simples, empregar linguagem tão bella e ao mesmo passo tão accessivel a todos os intellectos! Ahi está feito o elogio da Caridade — da grande, da sublime virtude em que o discípulo amado viu a própria encarnação divina:

Qui non diligit, non novit Deum, quoniam Deus caritas est. (Epist. I, IV, 8).

(45) Original no archivo ecclesiastico, masso N° 1, Avulsos.

XI

O thaumaturgo

La doctrine discerne les miracles, et les miracles discernent la doctrine.

(Pascal — Penseés sur les miraacles)

Entremos agora a encarar o aspecto mais empolgante da personalidade do nosso querido biographado, aquelle que o apresenta á imaginação popular como um sêr sobrenatural pelas suas virtudes e dotado de dons extraordinários, taes como o de obrar milagres, fazer prophcias, dominar as forças da natureza. Fr. José foi um santo, um desses gênios moraes de que nos fala José Agostinho na sua curiosa classificação, ao estudar a psychologia do inditoso Camillo (46).

A crença disseminada por todo o norte de Matto Grosso, Cuyabá, Diamantino e suas cercanias, é a de que o preclaro servo de Deus morrera, como se diz em linguagem da Igreja, "em odor de santidade."

Essa crença, nós já o vimos, tem por abono o testemunho de seus contemporâneos, a narrativa fiel da sua vida de trabalhos e virtudes e da sua morte de justo.

Apontaremos, agora, os factos conservados na tradição ingênua e firme da nossa gente, factos curiosos que indicam o credito que gozava entre os seus coevos o insigne missionário dos Guanás. Desde logo diremos que, entre uma infinidade de episódios colhidos, aqui

(46) Camillo e a sua psychologia.

e ali, á flor de lendas e recontos singelos, escolhemos apenas, para inserir neste ensaio, os que tenham a seu favor, primeiramente, a possível segurança das fontes e, ao depois, a confirmação de mais de um narrador, igualdade ou, pelo menos, semelhança de versão, nas suas linhas geraes e características.

Devemos — e vai nisto uma questão de disciplina que gostosamente cumprimos, como filho amantíssimo da Igreja Catholica de Roma — declarar que nos conformamos plenamente com os Decretos pontifícios de S. S. Urbano VIII, emprestando aos factos narrados pura auctoridade de tradição humana, que não implica de nossa parte prejuízo ou prevenção acerca dos Juízos da S. Sé, a que soberanamente reconhecemos o direito de se pronunciar, na forma costumada, sobre o valor e o alcance de taes testemunhos.

Forrados assim ao dever que o nosso credo nos impõem, resta-nos, com respeito aos nossos leitores, dizer que o que se vai ler neste e no subsequente capitulo não é, nem pode sêr historia, no rigoroso concepto da palavra e sim colligenda, com todo o escrúpulo feita, de lendas e tradições, cheias de encantadora poesia, ouvidas á gente antiga que as conserva e repete convictamente.

Não ha fontes escriptas, mananciaes objectivos em que se possa ir buscar o nascedouro de taes episódios. Seria insensatez o só pretendel-o. Por isso, si em pontos rigorosos de chronologia e historia, preferimos — no clássico dizer do Bispo de Marianna — "deixar em silencio, a vender aos leitores sonhos por verdade", em se tratando de registrar estas formosas historias, que, quando outro valor lhes faltasse, seriam, no mínimo, paginas mimosas do nosso desleixado *folk-lore*, não pode haver essa mesma preocupação analytica e quasi mórbida dos pseudo-scientistas que dissecam a lagrima e tentam reduzir a alma a fibronus nervosas

ou fluidos psychicos, conforme se declaram mais ou menos perto dos brutos ou dos periplasmas...

Os casos attribuidos a Fr. José são todos, pensamos ao menos, originaes e cheios de um sopro de sinceridade — ha nelles essa viva nota regional que os enforma e caracteriza, afastada assim a hypothese do serem mera reprodução de casos outros redivivos na imaginativa popular.

E, além de tudo, um outro valor se lhes adjudica, qual o de demonstrar — verdadeiros ou não — o grande prestigio de que gozava no seio dos seus temporaneos o virtuoso capuchinho, a ponto de permittir que em torno do seu nome florissem taes episódios, repetidos e transmittidos, de évo em évo, não só pela gente rústica dos "engenhos" e dos "sítios" distantes, mas até pelos cidadãos, dotados de certa cultura e emancipados de primitivas credulidades por demais simples e ingênuas.

Para que se lhe attribuissem taes virtudes era preciso que elle tivesse merecimento para ser o sujeito de tão altos objectos, sob pena de discordância que, ao primeiro ver, a lógica repelle.

A um Poupino, autoritário e sensual, a um Patrício Manso, violento e rude, a um Fr. Nascentes, demagogo e atrabiliario — é que jamais se emprestariam dons semelhantes. Natural é que as rosas não brotem de charcos nem de lezirias: ellas presumem bom terreno, canteiro bem tratado, mimos de jardineiro, que, dia por dia, acompanhem o desenvolvimento da roseira.

E assim como a belleza da flor credita o terreno e a mão do que a tratou — estes singelos episódios, de uma tocante naturalidade, orvalhada de sincera crença, luminosos de doce belleza, valem, per si, mais do que massudos infolios e códices venerandos, como elogio das preclaras virtudes do Santo homem que passou pelas nossas villas e arraiaes, pelos campos silenciosos e pe-

los pantanaes immensos, galgando serras híspidas e boqueirões gigantescos, parando aqui á beira de um rancho humilde, com o mesmo sorriso com que entrava o solar dos opulentos, derramando a esmola da bôa palavra, do conselho amigo, do socorro opportuno, de ambas as mãos, a todos os necessitados...

E reabrindo, em pleno sertão do Brasil central, o cyclo heróico dos primeiros filhos de S. Francisco de Assis, reproduz Fr . José, por outro lado, a epopéa gloriosa dos Anchietas, domadores da fera e do índio, que de homem só possuía a apparencia, pois, na sua barbárie, dormiam todos os instinctos carniceiros dos seus irmãos das selvas...

XII

No domínio das tradições e do folk-lore

Em psychologia collectiva ou ethnica, a alma do grupo, a alma da raça, é o fundo comum e a camada primigenia que explica e define o character especial de cada povo, no seu tríplice aspecto psychico, antropológico e historico...

(J. Ribeiro — O Folk-Lore)

Os factos extra-communs attribuidos a Fr. José podem grupar-se em quatro categorias:

- 1) reveladores do seu domínio sobre o espírito dos homens,
- 2) índices do seu império sobre os brutos,
- 3) demonstradores da sua acção sobre seres inanimados e,
- 4) francamente sobre-naturaes, manifestadores da santidade.

Entre os primeiros citaremos quatro curiosos episódios, três entre os segundos, dois entre os terceiros e, por fim, três dos pertencentes á quarta espécie — a mais transcendente de todas.

* * *

Manifestações de telepathia. Passava certa vez o santo homem de Deus pelo bequinho que veio a sêr mais tarde conhecido por *bêcco do Xixo*, quando o viram, a grande distancia, dois soldados que se achavam dando guarda na Cadêa, a esse tempo ainda no

Largo da Matriz, hoje Praça da Republica. Um delles, dotado de maus instinctos, murmurou, entre dentes:

— Quem me dera ter aqui aquelle frade para passar-lhe algumas palmatoriadas... Ao que redargiu o outro, creatura simples e de bom natural:

— Pois eu quizera que elle viesse cá, mas para beijar-lhe a mão. Com pouco, sorprendidos, viram os dois milicianos, junto á grade, a figura de Fr. José que lhes dizia:

— Aqui me tendes, filhos, para cumprir os vossos desejos. Estendera a mão esquerda ao primeiro, enquanto dava ao segundo a direita para que lh'a beijasse. É de imaginar-se a extranha confusão que, naquelle instante, salteou o espírito dos soldados, estupefactos.

* * *

Pela mesma praça ia, de outra feita, o capuchinho, quando num grupo, do lado opposto, um desafecto seu, alias gratuito, segredou aos demais uma torpitude qualquer que ao virtuoso varão se attribuia. Qual o seu pasmo ao ver que Fr. José, volvendo sobre os seus passos, se encaminhava para a roda e, dirigindo-se ao maldizente, com uma calma serenidade: — O que você disse ha pouco está longe de ser verdade. Posso affirmar que não é exacto...

* * *

Numa das suas viagens apostólicas, aconteceu-lhe, certa vez, passar pelo famoso engenho de «S. Romão» na Serra-Acima, a esse tempo pertencente a D. Escolastica Martins da Cruz. No decurso da conversa, queixou-se-lhe a dona do sitio que os índios não lhe deixavam tréguas para o trabalho, infestando, constantemente, a sua propriedade. E accrescentou que a audácia dos selva-

gens tocava ás raias do maior desplante, vindo por vezes até o terreiro da casa, nas suas frequentes incursões.

Animou-a o sacerdote, fazendo-lhe ver que dali por diante tal facto se não reproduziria. E, dali donde estava, indicou com a mão, no rumo dos quatro pontos cardeaes, certos limites e pontos referenciaes que jamais — affirmou — seriam ultrapassados pelos indígenas. E, de facto, — contou-me um neto da velha dona do «engenho» — não mais voltaram os «bugres» a incommodal-os: vinham, é certo até ás immediações, mas nem um passo aquém dos limites traçados por Fr. José.

Em visita a um padre secular que se achava doente e prestes a acabar a dilação que Deus lhe concedera para estar neste mundo, succedeu passar por elle uma mulher moça ainda, e não destituída de certos encantos próprios que são do sexo e da idade. Fr. José benzeu-se em silencio, e como o collega de votos lhe perguntasse por que fazia aquillo, respondeu-lhe: — É que você tem o demônio em casa, e eu não o sabia.

Confundiou-se-lhe ao outro o animo, ao ver-se desmascarado em seus embustes, pois, a despeito de conseguir illudir a toda a gente, passando por virtuoso, não o conseguira fazer ao santo, que, num relance, à só vista da sua cúmplice de peccado, o incriminara delicada e indirectamente, fazendo-lhe sentir o mau caminho que trilhava. E arrependido, confessou o seu delicto, a tempo ainda que se lhe extinguisse, com a vida, a possibilidade de salvar-se do abysmo em que se chafurdara.

Em pleno sertão, longe de qualquer povoado ou morador, recebeu Fr. José a nova trazida pelo seu cama-

rada de que o "cargueiro" único que levavam fôra devorado essa noite por uma onça. Sem se abalar com a perspectiva desoladora em que aquelle facto os vinha collocar, disse o justo:

— Vamos ver onde está.

E sahiu, em direcção ao matto, onde, com espanto do companheiro, deram com a onça ainda sobre a carniça, repastando-se nos sobejos da alimária.

Ao dar com tal scena, longe de impressionar-se, como era natural, Fr. José limitou-se a dizer:

— Pois bem. Quem comeu o cargueiro, ha de fazer-lhe as vezes...

Apavorado e sem bem comprehender o que se passava, o peão viu Fr. José acrescentar, dirigindo-se á fera:

— Pelo dever de obediência que te é imposto, acompanha-me.

De cabeça baixa, a passo lento, a onça, largando o seu orgiaco banquete, deu de andar empós do capuchinho. E, junto ao pouso, onde, ao primeiro alvor da madrugada, morriam os ultimos tições da fogueira, mandou Fr. José ao camarada que collocasse a cangalha e a carga sobre o lombo da fera.

Fel-o, com immenso medo, o camarada, e, com pouco, eil-os se vão, pela estrada, reduzida ali a simples trilho, rumo ao primeiro morador, alongado dali mais de seis léguas.

Andou todo o dia aquelle extranho grupo — dois homens seguidos por uma fera, que lhes servia de besta de carga. Á tardezinha, já o sol ia longe, por alem da serra e os *curiangos* revôejavam no ar frio do anoitecer, chegaram a um morador, misera palhoça, á beira do caminho, onde, entre pedras, rumorejava, escachoante, a água pobre de um ribeirão. Tomado de assombro, viu o homem chegarem-lhe á casa os viandantes. E mais admirado ficou ao ou vir do religioso a ordem

para que lhe desse a besta, que tinha, para continuar a viagem. Tentaria negar-lhe, si lhe houvesse perguntado antes, mas Fr. José não inquirira, sim *affirmara e mandara*.

Assim determinou elle, assim foi feito. E ao tirar de sobre a onça a carga, o negro que lhe servia de camarada disse:

— Matemos agora esta "bicha", que não vá fazer mal a alguém por ahi...

— Não, replicou Fr. José, isso não. Deixemol-a que se vá, na paz do Senhor. Não é ella, como nós, meu filho, uma creatura de Deus? E, a um aceno do bom homem, filho daquelle que, no Gubbio, se irmanou com o lobo, lá se foi, submissa e feliz, rumo á selva pátria, a onça que o dever de obediência houvera, por todo um longo dia, feito cargueira — convertida assim, da violência natural que a caracteriza na, maior humildade que para os irracionaes se reduz ao papel de animal de carga.

De outra feita, foi ainda em viagem pelos sertões do Norte, que o santo homem teve occasião de exercer o seu poderio sobre o mais damninho e perigoso dos animaes — a serpe. Picara-lhe o cavallo de sella, for te animal que de longa data o conduzia nas missões e desobrigas, uma cobra venenosa.

Como prosseguir, pois, a jornada, si estavam a grande distancia de qualquer recurso e a hora já adiantada do dia lhes não permittia retroceder ao pouso donde tinham essa manhã sabido? Não se embaraçou em nada o francisco. Chegando-se para ao pé do animal, que encontraram estirado sobre uma relva terna, ao lado de frondejante quineira, o frade assobiou longamente como chamando por alguém.

Eis que de um "cupim" ao fim da várzea, toda batida de sol, áquella cálida hora pósmeridiana, acode, numa corrida, o perigoso animal rastejante pelo qual se perdeu Eva e a humanidade.

Ante o espanto indescritível de quem o acompanhava, Fr. José intimou o pérfido ophidio, pelo dever da obediência, a reparar o mal que lhe causara.

E — sorprendentes efeitos da sua força extra-humana — vai, submissa e humilde, a serpe se achegando ao animal e, devagar, habilmente, busca a ferida que ella mesma fizera, junta-lhe, com geito, a língua bífida e tóxica, mas, ao invés de, como lhe é natural e vezeiro, inocular aquelle veneno que se distilla do seu organismo, haure, com força, todo o maléfico filtro que antes lhe contaminara e, á medida que se lhe vai retirando do corpo a causa do seu mal, cessa o effeito perverso que o trazia já escravo da lei da morte e o cavallo, recuperando a vida e as forças, se ergue, outro qual antes, emquanto a cobra, cumprido o que lhe fora ordenado, volta para o seu torpe esconderijo. E Fr. José continuou a sua viagem, logo-logo, no cavallo resuscitado.

Ainda um episodio de viagem, este occorrido num "sitio" perto das Grotas, na estrada que de Cuyabá levava ao Rosário.

Vinha Fr. José sozinho, de uma de suas jornadas de apostolar.

Eis se não quando lhe dá a Providencia um companheiro na pessoa de outro padre, secular, que voltava também de acudir a um doente, no sitio mencionado. Mas vinha a pé o santo homem, emquanto o outro cavalgava um soberbo equino. Acudiu ao seu companheiro de jornada a idéa de pedir ao dono do sitio

um animal, de modo que pudessem chegar cedo e juntos á cidade.

Concordou Fr. José e assim se fez. Chegando ao pateo da fazenda — era por um dia de agosto, escaldante — viram os dois religiosos o dono do sitio, que, ao lado da mulher, se deleitava a assistir ao trabalho de amansar os burros.

Dois peões, fortes e nutridos, ágeis como nenhum outro, exercitavam-se no rude serviço. No terreiro, limpo, bem varrido, circulado pelo "correr d'água" onde se abeberava a criação, estacou Fr. José que ia á frente e expôs ao moço o seu desígnio. — Pois não, padre, é já. Vou mandar pegar um animal manso e bom para sua montada.

Si assim, de palavra, revelara tão boa vontade, no interno do coração perverso, alentava propósito muito outro, o fazendeiro.

E, apesar dos protestos da boa mulher, em quem se encarnava a benignidade natural do sexo, o ruim homem se dispôs a pregar ao pobre missionário uma partida que os iria divertir a grande.

Mandou pegar um burro redomão, que nunca levara arreio e trazer para Fr. José nelle continuar o seu caminho.

E gozava já a sua hilaridade quando o sacerdote deitasse a gritar e pular, aos pinoteios da besta, acabando fatalmente por ir ao chão.

Ao contrario, porém, do que esperava e suppunha, a besta, qual si fosse o melhor animal de sua estrebaria, recebeu como suave fardo o seu cavalleiro e deu de andar, na mais leve marcha que nenhum cavallo ensinado e traquejado teria.

E maior ainda foi o seu espanto e desapontamento quando, dahi ha pouco — já deveriam ir bem longe os dois religiosos — ao mandar ensilhar o "Brioso", seu cavallo de estimação, lindo russo de cinco annos,

de sangue apurado e linhagem nobre, o escravo lhe veio, desolado, communicar que o encontrara morto, na estrebaria.

Em Coimbra, á pequena distancia do forte lendário depara-se a gruta conhecida vulgarmente por "Buraco soturno", a que Ricardo Franco, o primeiro que lhe faz referencia, deu o expressivo nome de "Gruta do Inferno". Muitos são os que a têm, de 1786 para cá, visitado e consignado, em letra de fôrma, as suas impressões, bastando citar, entre os mais notáveis, o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (1791), o Te. Cl. Joaquim José Ferreira (1792), o visconde de Castelnau (1845), o dr. João Severiano da Fonseca (1875) (47) e, recentemente o P. Helvécio, hoje Arcebispo de Marianna, que na "Revista Matto Grosso" nos deu curiosa descripção dessa furna. (48)

Lá esteve Fr. José quando missionava no Baixo Paraguay.

Lá penetrou, só, attingindo o mais profundo da gruta, pois os outros que o acompanhavam, receiosos, preferiram ficar da parte de fora, aspirando ar e luz que, no interior, escasseava. E — conta a lenda — ao volver do mais recôndito da furna immensa, trouxe, com espanto dos presentes, três rosas frescas e lindas, como nenhures iguaes se viram e de uma espécie que se não cultivava por aquellas bandas...

No próprio Forte de Coimbra, onde estacionara algum tempo, appetiteu a Fr. José uma peixada e tendo o guaná que o acompanhava preparado com arte e muito carinho um prato dessa natureza, aconteceu que lhe faltasse o necessário condimento.

(47) Viagem, I, 271

(48) In Rev. M. Grosso, I, V (Maio 1904)

— Prepare um molho, recommendou o frade ao índio que tão solícito o servia.

— Com que preparar o molho, si não temos vinagre, nem pimenta, nem tempero de espécie alguma?

— Vi atrás do forte — indicou Fr. José — e me traga três limões e três pimentas malaguetas que com isso prepararemos o molho. Hesitou o bárbaro, quasi rindo do extranho preceito, pois bem sabia não haver por ali tudo limoeiro nem pimenteira; mas tão arraigado estava nelle o dever da obediência, que se foi a fazer o que lhe determinavam.

E, perturbado, confuso, ao tomar o trilho que circumdava a colossal molle de pedra que é a fortaleza, deu, logo ao virar para a retaguarda do forte, com um limoeiro verdejante, frondoso, em que entretanto, por mais que procura-se, só encontrou, logo ao alcance das mãos, três fructas grandes e bonitas e, ao lado da arvore, quasi junto ao muro de granito, uma pimenteira, copada e linda, que ostentava, entre o verde gaio das folhas, como coraes rubros, três pimentinhas bem maduras — só três, o bastante o molho de Fr. José.

A fama de seus feitos já em vida se espalhava, cercandoo, no próprio senso dos que o conheceram, da láurea de santidade. Mas, si a todos convenciam os seus actos e palavras, não assim a uma inditosa mulher que, pela vida que levava, não conseguia a alumiasse a graça de perceber as cousas do alto.

E um dia que, perto della, se faziam justas referencias ao homem de virtudes, casquinou aquella prava creatura uma risada de mófa, que scandalizou a roda:

— Pois si é Santo, disse ainda em ar escarninho, tem que cheirar...

Mal proferiu tão levianas palavras, assoma, na curva da esquina, ao lado da casa daquella peccadora, o vulto respeitável do missionário. Passa pelo grupo, sem dizer palavra, mas os seus olhos se cravam fundo nos da zombadora, com aquella expressão, talvez, que a cortezan de Magdala vira, um dia, nos de Jesus. E todos que ali se achavam notaram, de par com a confusão e vexame da moça, um aroma incomparável, uma fragrância de rosas do paraíso que ficara pairando no ar luminoso, á passagem de Fr. José.

E — remata a tradição — á rapariga surgiu naquella mesma hora um tumor ou ulcera no nariz, de que nunca mais logrou curar-se, mas que lhe valeu o arrependimento e conversão de sua má vida. Donde vem que bem se diga que o soffrer é que nos salva e que nunca é licito desesperar da conversão dos peiores. Aquella, por exemplo, se fez dali por diante Magdalena arrependida, de Magdalena peccadora que até aquella hora tinha sido.

De todos os casos, porém, com que, segundo a lenda, quis Deus creditar o seu servo ao respeito e admiração dos homens, nenhum tão surpreendente como os dois occorridos já após o seu desaparecimento deste mundo.

Morto Fr. José, devolvido ao seio maternal da terra aquillo que fôra a sua apparencia exterior, floriu, perto do seu tumulo, na Cathedral, um grande lírio, que na cor violácea, imitava o tom do seu habito de capuchinho.

Esse lírio foi enviado para o Diamantino, onde, muito depois da data do fallecimento do nosso Santo Prelado, ainda se ostentava qual preciosa, relíquia, na Egreja Matriz de N. S. da Conceição. Acrescenta

a tradição que, no soalho do sobrado onde expirou Fr. José, nasceram umas extranhas "orelhas de pau", ou cogumelos, em forma lillial, escuros, porém curiosos na sua conformação petalar.

Culmina sobre todos os factos narrados a interessante lenda da "camisa do Santo".

Após o seu piedoso traspasse, trocaram-lhe as vestes para o enterrar, tendo a camisa com que falleceu — preciosa peça de linho bordado, como soiam usar os antigos — ficado em poder da família de Agostinho de tal, mais conhecido por Vai-Bolo, cuja mulher, de nome Teresa, conservava religiosamente esse objecto.

Quando morria alguém, em meio de grande soffrimento, com prolongada agonia, costumavam appor-lhe sobre o corpo a "camisa do Santo" e logo entravam de espaçar e suavisar as dores e o transito se operava docemente.

Tal virtude se emprestava, na crença popular, á roupa do humilde capuchinho, que tendo sido "padre de boa vida" também o foi de "boa morte", conseguindo assim, pela graça divina, tornar aos demais feliz e tranquilla a grande e terrível passagem.

Achando-se ás portas da morte o P. Luis Ignácio Coelho, familiar do Bispo D. José e demorando-se muito a sua agonia, aggravada pelo muito padecer, fizeram piedosas pessoas que o assistiam vir a "camisa do Santo" para, como de costume, operar a acção thaumaturgica que lhe attribuiam.

De facto, com pouco exhalava-se, sem as dores de antes, a alma do Sacerdote. Mas nisso não é que está o extraordinário do caso.

No tumulto que se seguiu á morte do P. Luis, succedeu de entornar-se sobre a toalha que envolvia

a camisa, já prompta a ser recambiada á procedência, uma lamparina de azeite. Em um instante communicou-se o fogo á fazenda o lavrou, rápido e voraz, a flamma consumidora. Imagine-se o desapontamento, mais ainda a consternação que se originou daquelle desastre.

Perdida aquella veste milagrosa, e ainda mais a responsabilidade do acontecido naturalmente levada á conta de descuido — todos se lamentavam e, em altas vozes, aiando, já menos lhes doía da morte do Padre que do desastre sobreveniente. Eis senão quando uma das mulheres presentes se adianta para onde, ao lado do tosco oratório, se havia deposto a camisa de Fr. José. E, com que extranha surpresa, num grito de jubilo e, ao mesmo tempo, de pavor, viu intacta a camisa dentro do invólucro de cinzas da toalha completamente queimada!

XIII

Últimos annos

E contudo nem depois de velho e quebrantado de varias indisposições podiam com ele acabar os seus que pusesse termo a tanta má vida, e a tão trabalhosas e arriscadas jornadas.

(Fr. Luis de Sousa, Vida de D. Fr. Bertolameu dos Mártires, II, 286)

Data de 1844 o declínio das forças e actividade do inclito Missionário. A 20 de Novembro desse anno o Presidente Ricardo José Gomes Jardim despachava uma petição de Fr. José na qual o mesmo “vendo-se já carregado de annos, e de incômodos inseparáveis da sua idosa, e cançada vida, e melhor parte expendeo, servindo *in prosperis et adversis*, esta mui querida Província, que a Providencia ha mais de cinco lustros, deo-lhe em sorte”, dizia achar-se “resolvido de ultimar o seu breve período, que o Céu benigno lhe conceder, na Capital do Império, ou na Bahia de todos os Santos”, solicitando por isso a sua dispensa do cargo do Director Espiritual dos Hospitaes da Misericórdia e de S. João dos Lázaros.

Esse requerimento, cujo original se encontra no Archivo Ecclesiastico desta Archidiose, concluía por pedir “a puro titulo de esmola” algum auxilio para promover a sua viagem, allegando, em abono dessa sua pretensão, não receber elle “nem hum só real da Nação, de que é fiel e amante Súbdito”.

Ao deferir-lh'o, assim se exprimiu o Presidente:

"Sentindo muito este Governo que convenha ao Revmo. Supp. deixar a Província, e o cargo que tão dignamente tem occupado de Director Espiritual dos Hospitales da Misericórdia, concede-lhe a dispensa requerida do mesmo cargo a partir de 1º de Janro. futuro, permittindo-lhe porem, que se retire desde já da Capital se assim desejar".

Acerca do socorro pedido nem palavra no despacho governativo, parecendo que implicitamente se lh'o denegara, si é que não consistiu na liberalidade de gozar da licença desde logo, com um mês e dias de antecedência. (49)

Já em Junho desse mesmo anno solicitara Frei Macerata ao então Presidente, Zeferino Pimentel Moreira Freire, demissão do cargo de Inspector dos Estabelecimento Pios, para o qual fôra nomeado em substituição a Joaquim Alves Ferreira e por portaria de 26 de Janeiro desse anno. (50)

Deu-se-lhe por successor nessas funcções a Francisco Bueno de Sampaio, constando da communicação datada de 11 de Junho de 1844 as seguintes encomiásticas palavras do Presidente da Província:

"Aproveito a occazião para fazer ver a Vossa Excellencia que no pouco tempo que exerceu estas funcções as desempenhou com zelo e actividade".

Obtida a dispensa, emprehendeu Frei José a jornada pretendida, contra a qual protestavam os seus annos e mais a enfermidade que já vinha aos poucos lhe consumindo as forças?

Sem duvida que sim. Frei José, em fins de 1844, ausentou se de Cuyabá, onde, entretanto, já se encontrava em fins do anno seguinte, como faz crer o officio de 3 de Novembro de 1845 em que a Meza

(49) Arch. Eccl. Masso Avulsos off. N° 287.

(50) Livro de Registo de ordens do Governo existente no Archivo da S. Casa de Misericórdia, fs. 237 — Firmo Rodrigues: *Apontamentos históricos dos Hospitales de S. João dos Lázaros e S. Casa*, na Rev. do Inst. Hist. de M. Grosso, IX - X pag. 122.

d'Administração das Obras Pias participava ao emérito Sacerdote haver resolvido, em sessão de 27 de Outubro antecedente, sob proposta do Presidente da Província, restabelecer a disposição da Ordem do Governo de 2 Maio de 1817, nomeando um Capellão para os Estabelecimentos Pios, visto haver sido supprimido o lugar de Director Espiritual dos mesmos. (51)

E dest'arte concluía o mencionado officio:

"e recahindo unanimemente na Pessão de Vossa Excellencia Reverendíssima, cazo queira continuar a Prestar-se a este caridoso encargo, fui por isso autorizado para, por parte d'Administração das Obras Pias, convidar neste sentido a Vossa Excellencia a quem rogo, e espero pela resposta d'acceitação a fim de fazel-a presente a Mesa, que tomará então definitiva deliberação sobre a gratificação com que deve d'algum modo gratificar o trabalho de Vossa Excellencia alem da casa que pretende proporcionar-lhe para a sua morada nas visinhanças do Hospital da Misericórdia".

Claro se depreheende que a tentativa de fixar-se em outras paragens, onde visse correr os seus últimos dias, se baldara, regressando o virtuoso ex-prelado, com pouco tempo, á terra a que o prendia toda uma vida de labores incessantes e vivas affeições.

Tempo não era de mudar-se a velha planta arraigada afundo nestes rincões sertanejos e eis porque, não obstante a experiência feita, volveu, naturalmente saudoso, á capital mattogrossense.

De sua viagem, dá testemunho ainda este tópico do relatório do Presidente Gomes Jardim, em 1846, referente a "Obras Pias e Caridade Publica":

"Os Hospitales de Caridade teem estado privados de Capellão, que antigamente sempre ali houve, para administrar promptamente o Sacramento da Penitencia aos enfermos, e assistil-os na agonia com todos os soccorros espirituales, tendo o Governo deixado de prover este lu-

51) Livro cit. pag. 245

gar, porque, julgando que a sua eleição deve recahir, no Revmo. Fr. José Maria de Macerata, ex-Director Espiritual dos mesmos Hospitales, *que acha-se novamente nesta Cidade*, (o gripho é nosso) e não duvidaria continuar a servir, não pode admittil-o com aquelle mesmo titulo em vista do art. 10 da Lei Provincial N. 2 de 1845, ao passo que elle entende não convir-lhe a simples nomeação de Capellão, tendo já exercido na Província os mais altos cargos da Igreja." (52)

Não voltou, pois, Frei José a exercer as funcções em que magnífico e nobilitante ensejo tivera de praticar a caridade christan, de que extremadas provas deu no curso da sua vida.

Do facto de recusar a simples nomeação de Capellão porder-se-lhe-ia increpar algum assomo de orgulho, ou, pelo menos, vaidade condemnavel, si outros e muitos testemunhos não houvesse, na sua biographia, da grande humildade que caracterizava o santo religioso.

Circunstancias da época, preconceitos, talvez, que obram muitas vezes por nós, sobrepondo-se-nos á própria faculdade volutiva, quiçá delicada evasiva com que tentou encobrir outro moveis dessa renuncia — muito ha com que explicar se possa a recusa do Missionário, aliás já no fim da existência.

Orgulho, fatuidade, preocupação de grandeza balofa, isso é que nunca. A sua attitude anterior, os seus precedentes, toda a sua historia protestam, insurgem-se vehementemente, contra essa supposição vexatória.

(52) Discurso recitado pelo Exmo. Presidente da Província de Matto Grosso Ricardo José Gomes Jardim na abertura da sessão ordinária da Assembléa Legislativa Provincial em 10 de Junho de 1846, pag. 20.

XIV

A morte do justo

"O tempo de prova e tribulação não está longe: felizes os que perseverarem. Eu volto a Deus e vos encommendo á sua graça."
(Ultimas palavras de S. Francisco de Assis)

Não deveria ultimar o anno de 1846 o nosso venerando thaumaturgo. Posto não haja conseguido precisar-lhe o dia e o mês do transpasse, o anno, esse consta de clara referenda feita por pessoa que por aqui andara contemporaneamente ao facto — o depois Marechal Visconde de Beaurepaire Rohan, nos seus curiosos *Annaes de Matto Grosso* editados por Affonso Taunay, em 1913, na Revista do Instituto Histórico e Geographico de S. Paulo.

Beaurepaire Rohan esteve em Matto Grosso, em commissão, como engenheiro militar cerca de um triennio, de 1843 a 1846, escrevendo em Cuyabá uma *Chorographia de Matto Grosso* e tomando notas para os projectados *Annaes*.

Referindo-se neste ultimo trabalho a Frei José, assim se exprime o erudito pesquisador:

"Morreu no anno de 1846 e foi sepultado na igreja matriz do Senhor Bom Jesus de Cuyabá. Ainda depois de demittido continuou Frei José Maria de Macerata a gozar de todas as honras de bispo *in partibus*, bem que nunca lhe tivessem expedido as respectivas bullas, por intrigas (dizia) de Monsenhor Vidigal". (53)

(53) Rev. do Inst. H. G. de S. Paulo, XV, 116.

Essa assertiva leva a crer que Rohan houvesse conhecido e conversado o insigne Missionário, cuja morte provavelmente ocorrera na segunda metade de 1846.

Duas versões distintas e opostas encontrei no tocante ao local de seu falecimento, que uma quer que fosse o velho sobradinho da Misericórdia, que existia ao Norte do Hospital, no combro onde hoje se ergue o pavilhão da Directoria e outra, o sobrado do Bispo D. José, na rua Antonio Maria, hoje séde da Telephonica.

Parece esta a mais verossímil versão, attendendo-se ao facto de não haver Fr. José voltado a occupar o cargo de Director Espiritual dos Hospitaes, que lhe implicaria o dever de residência junto á Santa Casa e, por outro lado, á provável hypothese de o ter trazido para junto de si o Bispo Diocesano D. José Antonio dos Reis, afim de o assistir e confortar na derradeira enfermidade. (54)

Permanece também na obscuridade a idade com que falleceu Fr. José.

Presumidamente teria elle quando veio para a Missão de Matto Grosso quarenta annos, ao menos.

Isso porque tendo passado 27 annos entre nós, — tanto quanto medeia entre 1819 e 1846 — e attingido idade avançada, como elle próprio o affirma em mais de um docu-

(54) Acerca da residência de Fr. José pode-se affirmar ter sido no Porto Geral, junto a S. Gonçalo, nos primeiros tempos, como se verifica das suas pastoraes que no final alludem á moradia *no Porto Geral* e também no seguinte passo de Luis d'Alincourt, no seu "Resultado dos trabalhos e indagações estatísticas" (*Annaes da Bibliot. Nac III, 41*): " e assim do Porto Geral a de S. Gonçallo (egreja) do Amarante, ultimamente reedificada pelos desvelos do Prelado D. Fr. José Maria de Macerata, que vai tornando muito aprazível aquelle lugar, e *junto della mora* em huma mediocre casa".

Em 1828, porém, quando andou por aqui a Commissão Langsdorff, já o Prelado se passara para a Misericórdia, como se evidencia desta referencia de Hercules Florence, no *Esboço da viagem*, (Rev. do Inst. Hist. e Geogr. XXXVIII, I, 443) "outra capella fica no Hospital da Misericórdia, edificio não concluído e onde *mora o bispo*"

Na sua carta official de 22 de Julho de 1824 ao Imperador diz Fr. José ter fixado a sua residência no Edificio da Misericórdia.

mento e a tradição oral o corrobora, claro que já deveria ter vindo do seu paiz em plena maturidade.

Tudo o que se refere, entretanto, á vida do virtuoso capuchinho antes da sua chegada a Cuyabá se envolve em denso véu de impenetrável mysterio.

O próprio local do seu nascimento é desconhecido. Julgo, todavia, ter sido a cidade de Macerata, de que tirou o nome e isso pela circumstancia de pertencer essa cidade aos Estados Romanos ou Pontifícios, donde, segundo o testemunho de Candido Mendes, era originário Fr. José (55)

Quando desapareceu Fr. José governava a Província o Presidente Ricardo José Gomes Jardim, 8º Governador de Matto Grosso no regime imperial, que esteve em exercicio de 27 Setembro de 1844 a 5 de Abril de 1847.

Não encontrei, entretanto, em documento algum, de cunho official, a mais mínima referencia á morte do insignissimo sacerdote missionário que consagrou a vida ao bem espiritual e material desta terra, para onde veio ainda na phase colonial, assistindo-lhe a maioridade politica, acompanhando, dia a dia, nas duas fortunas, a sua vida agitada, em um dos passos mais tormentosos do seu evolver.

O seu nome, que a gratidão popular em apotheose consecratoria, traz, até hoje, envolto em uma lauréola de carinho, não mereceu ao menos a trivial homenagem de uma placa de rua, que se baratêa para preito aos políticos de occasional prestigio, sendo que já algum tempo teve a denominação de Fr. José a rua da Bôa Morte, que, depois, foi, successivamente, Antonio Paes (até 1906) e Candido Mariano.

Assim transcorreu-lhe a vida de multifários trabalhos, que não tiveram compensação outra que não

(55) D'Eccl. II, 55.

fosse o prazer que as consciências illibadas encontram na simples pratica da caridade.

Benesses e honrarias não nas teve esse que mais que qualquer as merecia e que já em vida tinha ganhado fama que a outros raramente vem após o fallecimento.

O seu nome intemerato ficou, entre o clero do seu tempo, como insuperado paradigma, fora de tiro de qualquer increpação ou suspeita de malélicos. Nelle encontra o indigente carinhoso amparo, o ignorante fanal de instrução, o perseguido tutissimo refugio, o enfermo confortadora assistência, o affligido esmola e conselho, o perverso paterna acolhida que lhe confundia os maus desígnios, o bom novos incentivos de aperfeiçoamento.

A sua saúde desde começo se resentira dos incommodos próprios do clima a que se não afizera de todo. A 26 de Julho de 1825 escrevia ao Secretario da Justiça Clemente Ferreira França:

"A triste situação de moléstia em que de presente Nos achamos, de humas fortes sezoens tomadas no Rio Cuyabá abaixo onde estivemos por occazião de trabalhos do nosso Pastoral officio não nos permite a consolação de ora participar a Vossa Excellencia o quanto temos obrado e promovido em beneficio Geral do Nosso Rebanho".

Em carta de 13 de Outubro do mesmo anno, ao referido Secretario, declarava-se restabelecido das febres que o haviam salteado. E a 22 de Fevereiro de 1826, em officio ao mesmo, assim se exprimia acerca do ônus da Prelazia:

"Ha três annos que vivo sacrificado a este pesado Cargo, destituído de meios, trabalhando de dia e de noite, sem poupar-me a nada, alvo sempre da impiedade por zelar o comprimento das minhas obrigações". (56)

(56) A 5 de Fevereiro de 1827, em officio á Secretaria da Justiça, reclamava contra o atrazo de sua côngrua, alem da lesão que vinha soffrendo na mesma, praticando-se com elle diversamente do que se fizera com os seus antecessores "sem se attender nem a pequenas da côngrua, nem as Nossas necessidades", juntando, para prova de suas asserções, três documentos.

Tudo arrostou como filho de Christo e do seu mais fiel imitador, o Santo de Assis: — a hostilidade e o desprezo, as intempéries e a mendiguez, o ódio e a chacota, a injustiça e a ingratição, sempre com o mesmo sorriso nos lábios e a mesma inapagável sêde de amor no coração.

E quando Deus o chamou, a receber o premio dos seus porfiados labores de apostolo, foi ainda entre agonias e rudissimas provações que aquella alma sublime se desprende da misera argilla terrena.

Reza a tradição oral que Fr, José morreu de cálculos renaes, padecendo, nos últimos tempos, dores atrocíssimas, que tudo supportara com denodado heroísmo e christan resignação (57).

É que em seu espírito vivia, superior ás caducas e frágeis cogitações mundanas, essa força perenne da Fé e da Caridade, que desanimaliza o homem, despindo-o de todos os vis interesses, para o fazer amar na Dôr, na Doença, na Miséria, — alheia ou própria — Aquelle que condensou, em synthese luminosa, a Moral do seu Evangelho nestas palavras que dessedentam todas as angustias e confortam todos os infortúnios: — *Quandiu fecistis uni ex his fratribus méis minimus, mihi fecistis.*

(Matheus. XXV, 40)

(1 de Maio a 2 de Junho de 1928)

(57) No necrológio do Capuchinhos da Provincia Picena se encontra annotado a 23 de Novembro de 18? o seguinte: "America del Sud. Fte. Giuseppe Maria di Macerata, sacerdote di provato zelo e prudenza, e vescovo designato del Goyaz. (sic) Un'immatura morte privó lui della vita e la provincia d'una gloria!"